

PEQUENOS ENSAIOS EM DIREÇÃO À VERDADE

por Aleister Crowley

Tradução: Alan Michel Willms Quinot.
Título original: *Little Essays Toward Truth*.
1ª edição: 30 de março de 2021.



<https://www.hadnu.org>

Conteúdo

Homem	4
Memória	8
Sufrimento	10
Maravilha	12
Beatitude.....	15
Riso.....	16
Indiferença.....	19
Maestria.....	21
Transe	24
Energia	26
Conhecimento.....	28
Entendimento	31
Castidade	33
Silêncio.....	35
Amor.....	37
Verdade	40
Glossário.....	42



Publicação da A.:A.:
em Classe B

Imprimatur: O.S.V. 6°=5° Imperator

Homem

O que é o homem, para que estejas atento nele?

Sendo o homem o assunto destes Ensaios, é apropriado que primeiramente expliquemos o que queremos dizer por essa palavra.

O homem é um microcosmo: ou seja, uma imagem (concentrada ao redor do ponto de consciência) do macrocosmo, ou Universo. Este Teorema é garantido pela demonstração hilo-idealista de que o Universo perceptível é uma extensão, ou fantasma, do sistema nervoso.

Segue-se que todos os fenômenos, internos e externos, podem ser classificados com o propósito de discutirmos as relações que observamos entre eles, de qualquer maneira que a experiência mostre ser mais conveniente. (Exemplos: as elaboradas classificações da ciência, da química, da física, etc., etc. Não existe uma verdade essencial em nenhum desses auxílios ao pensamento: a conveniência é a única medida.) Agora, com o propósito de analisar a natureza espiritual do homem, de registrar e medir suas experiências desse tipo, de planejar seu progresso até as mais sublimes alturas da consecução, vários sistemas foram criados. O sistema do Abhidhamma é à primeira vista o mais prático, o mais científico e o mais real; mas para os estudantes europeus certamente é complicado demais, sem mencionar outras linhas de crítica.

Portanto, apesar do perigo de imprecisão envolvido no uso de um sistema cujos termos são em grande parte simbólicos, por diversos motivos eu preferi apresentar ao mundo, como uma base internacional de classificação, o sistema clássico-matemático que é vulgarmente e erroneamente (embora convenientemente) chamado de Cabala.

A Cabala, isto é, a Tradição Judaica concernente à interpretação iniciada de suas Escrituras, é na maior parte ou ininteligível ou sem sentido. Mas ela contém como base a joia mais preciosa do pensamento humano, o arranjo geométrico de nomes e números que é chamado de a *Árvore da Vida*. Eu a chamo de a mais preciosa porque descobri que é o método mais conveniente, até agora descoberto, de classificar os fenômenos do Universo e registrar suas relações. A prova disso é a surpreendente fertilidade de pensamentos que seguiu minha adoção desse esquema.

Uma vez que todos os fenômenos podem ser remetidos à *Árvore da Vida* (que pode ser multiplicada ou subdividida à vontade conforme for conveniente), evidentemente é inútil tentar dar qualquer descrição completa dela. As correspondências de cada unidade — as Dez Sephiroth e os Vinte-e-Dois Caminhos — são infinitas. A arte de usá-la consiste principalmente em referir todas as nossas ideias a ela, descobrindo assim a natureza comum de certas coisas

e as diferenças essenciais entre outras, de modo que finalmente se obtém uma visão simples da complexidade incalculavelmente vasta do Universo.

Todo esse assunto deve ser estudado no Livro 777, e as principais atribuições devem ser memorizadas: então quando pelo uso constante o sistema finalmente for compreendido — ao invés de ser meramente memorizado — o estudante continuamente perceberá renovada luz sobre ele, conforme ele segue medindo, por este Padrão, todo item de novo conhecimento que alcançar. Pois então o Universo começará a parecer para ele como um Todo coerente e necessário.

Para estudar estes Pequenos Ensaios, será suficiente se for dado um breve esboço da Teoria Cósmica que eles sugerem: mas pode-se acrescentar que, quanto mais completa a compreensão da *Árvore da Vida* que o leitor trouxer, mais claro parecerão suas ideias, e mais convincentes as conclusões.

A Constituição do Homem é quártupla.

(1) *Jechidah*.

Este é o princípio quintessencial da Alma, aquilo que torna o homem ao mesmo tempo idêntico a todas as outras faíscas de Divindade, e diferente (em relação ao seu ponto-de-vista e ao Universo do qual ele é o centro) de todas as outras. É um Ponto, possuindo apenas posição; e essa posição só é definível por referência a um eixo de coordenadas, a princípio secundário, que só pertence a ele *per accidens*¹, e deve ser postulado à medida que nossa concepção cresce.

(2) *Chiah*.

Este é o Impulso Criativo ou Vontade de Jechidah, a energia que demanda a formulação do eixo de coordenadas mencionado acima, de modo que Jechidah possa obter a autorrealização, uma compreensão formal do que está implícito em sua natureza, de suas qualidades possíveis.

(3) *Neschamah*.

Esta é a faculdade de entender a Palavra de Chiah. É a inteligência ou intuição de que Jechidah deseja descobrir sobre si.

Esses três princípios constituem uma Trindade; eles são *um*, porque representam o ser de, e o aparato que possibilitará a manifestação de, um Deus em um ser humano. Mas eles são apenas, por assim dizer, a estrutura matemática da natureza do homem. Poderíamos compará-los com as leis da física antes de serem descobertas. Ainda não há dados por cujo exame eles possam ser

¹ «Latim para “acidentalmente”.»

discernidos.

De acordo com isso, um homem consciente não pode saber nada sobre estes três princípios, embora eles constituam sua essência. É trabalho da Iniciação *viajar internamente* até eles. Veja no Juramento de um Probacionista da A::A::: “Eu me comprometo a descobrir a natureza e os poderes de meu próprio Ser”.

Sendo este princípio trino totalmente espiritual, tudo o que pode ser dito sobre ele é na verdade negativo. E ele é completo em si. Além dele estende-se o que é chamado de O Abismo. Essa doutrina é extremamente difícil de explicar; mas corresponde mais ou menos à lacuna de pensamento entre o Real, que é ideal, e o Irreal, que é concreto. De fato, todas as coisas existem no Abismo, pelo menos *in posse*², mas sem qualquer significado possível; pois elas não possuem o substrato da Realidade espiritual. Elas são aparências sem Lei. Portanto, elas são *Delírios Insanos*.

Agora o Abismo sendo assim o grande armazém de Fenômenos, ele é a fonte de todas as impressões. E o Princípio Trino visou uma *máquina* para investigar o Universo; e esta máquina é o quarto Princípio do Homem.

(4) *Ruach*.

Isso pode ser traduzido como Mente, Espírito ou Intelecto: nenhum desses termos é satisfatório, a conotação varia de acordo com cada escritor. O Ruach é um grupo estreitamente unido de Cinco princípios Morais e Intelectuais, concentrados em seu núcleo, Tiphareth, o Princípio da Harmonia, a Consciência e a Vontade Humanas, da qual as outras quatro Sephiroth são (por assim dizer) as antenas. E esses cinco princípios culminam em um sexto, Daäth, Conhecimento. Mas este não é realmente um princípio; ele contém em si o germe da autocontradição e, portanto, da autodestruição. É um princípio falso: pois tão logo o Conhecimento é analisado, ele se fragmenta no pó irracional do Abismo.

Portanto, a aspiração do homem pelo Conhecimento é simplesmente um caminho falso: é puxar um nó de tolo.

Não podemos entrar aqui na doutrina da “Queda de Adão”, inventada para explicar em parábola como é que o Universo foi tão infelizmente constituído. Só estamos preocupados com os fatos observados.

Todas essas faculdades mentais e morais do Ruach, embora não sejam puramente espirituais como a Tríade Superna, ainda estão, por assim dizer, “no ar”. Para serem úteis, elas precisam de uma base através da qual possam receber impressões, assim como uma máquina requer combustível e insumos antes de

² «Latim para “em potencial”.»

poder fabricar o produto para o qual foi projetada.

(5) *Nephesch*.

Isso geralmente é traduzido como “Alma Animal”. É o veículo do Ruach, o instrumento pelo qual a Mente é posta em contato com o pó da Matéria no Abismo, para que ela possa senti-lo, julgá-lo e reagir a ele. Este ainda é em si um princípio espiritual, em certo sentido; o corpo do homem é composto pelo pó da Matéria, temporariamente reunido pelos Princípios que lhe dão forma, para seus próprios propósitos e, em última análise, para os propósitos supremos da autorrealização de Jechidah.

Mas Nephesch, do jeito que foi concebido sem nenhum outro objetivo senão o trato direto com a Matéria, tende a partilhar da incoerência dela. Suas faculdades de perceber a dor e o prazer induzem-no a prestar atenção indevida a um conjunto de fenômenos, e a evitar outro. Portanto, para o Nephesch fazer seu trabalho como deveria, ele precisa ser dominado pela mais severa disciplina. Nem o próprio Ruach é confiável neste assunto. Ele tem suas próprias tendências à fraqueza e à injustiça. Ele tenta todos os truques — e é diabolicamente inteligente — para tratar de seus negócios com a Matéria no sentido mais conveniente à sua inércia, sem a menor consideração por seu dever para com a Tríade Superna, da forma que ela está isolada de sua compreensão; de fato, ele não tem a menor suspeita quanto à existência dela como de costume.

Então o que determina que Tiphareth, a Vontade Humana, aspire a compreender Neschamah, a submeter-se à Vontade divina de Chiah?

Nada além da percepção, que nasce mais cedo ou mais tarde de uma experiência agonizante, de que toda a sua relação com a Matéria através do Ruach e do Nephesch, ou seja, com o Universo, é, e deve ser, apenas dolorosa. A insensatez de todo o procedimento o enoja. Ele começa a procurar por algum meio pelo qual o Universo se torne inteligível, útil e agradável. Em linguagem cabalística, ele aspira a Neschamah.

É isso o que queremos dizer ao afirmar que o Transe do Sofrimento é o que motiva a Grande Obra.

Este “Transe do Sofrimento” (que deve ser bem distinguido de qualquer desespero pessoal mesquinho, e “convicção de pecado”, ou outras imitações mágicas negras) sendo de escopo cósmico, compreendendo todos os fenômenos reais ou potenciais, já é uma Abertura da Esfera de Neschamah. A consciência de seu infortúnio é uma indicação do remédio. Ele coloca o buscador no caminho certo, e conforme ele desenvolve seu Neschamah, ele logo alcança outras Experiências desta alta ordem. Ele aprende o significado da sua própria Verdadeira Vontade, a pronunciar sua própria Palavra, a identificar-se com Chiah.

Finalmente, percebendo Chiah como o aspecto dinâmico de Jechidah, ele se torna aquele Ser puro, ao mesmo tempo universal e individual, igualmente Nada, Um e Tudo.

É da essência das Ideias da Tríade Superna que as Leis da Razão, que se aplicam às funções intelectuais, não operem mais. Por isso é impossível transmitir a natureza dessas Experiências em linguagem racional. Além disso, seu escopo é infinito em todas as direções, de modo que seria inútil tentar enumerá-las ou descrevê-las em detalhes. Tudo o que se pode fazer é observar os tipos comuns em linguagem bastante geral, e indicar qual experiência demonstrou ser a linha de pesquisa mais útil.

Portanto, a Busca pelo Santo Graal, a Busca pela Pedra dos Filósofos — seja qual for o nome pelo qual escolhemos chamar a Grande Obra — é infinita. O sucesso só abre novos caminhos de brilhantes possibilidades. Sim, em verdade e Amém! a tarefa é incansável e suas alegrias sem limites; pois o que é todo o Universo, e tudo o que nele existe, senão o infinito parque de diversões da Criança Coroada e Conquistadora, do insaciável, inocente, sempre jubilante Herdeiro do Espaço e da Eternidade, cujo nome é HOMEM?

Memória

A memória é do próprio material da Consciência. Considere que nunca conseguimos saber *o que está acontecendo*, mas sim apenas *o que acabou de acontecer*, mesmo quando estamos o mais ativamente concentrados no que chamamos de “presente”.

Além disso, nenhuma impressão menor do que Samma Samādhi pode fingir conferir qualquer ideia coerente do Self. Aquela só existe em uma ordem de Consciência muito mais profunda que a percepção direta, em um tipo de pensamento que é capaz de combinar a quintessência de inúmeras impressões em uma só, como também de transformar essa *tabula rasa*³ em um Ego compreensível positivo. Quer este processo seja alucinatório ou não, certamente é a memória que, mais do que qualquer outra função da mente, determina suas possibilidades.

Agora, qualquer que seja a visão que possamos tomar da natureza do Self, está claro que nosso limite de erros diminuirá constantemente à medida em que o alcance de nossas observações for estendido. Calcular a órbita de Netuno a partir de um período de dias em que ele está retrógrado poderia levar a falácias formidáveis. Quando a memória está seriamente enfraquecida, o estado resultante

³ «Latim para “tábua em branco”, uma metáfora utilizada por Aristóteles para explicar que os indivíduos nascem desprovidos de qualquer conteúdo mental inerente, e que todo conhecimento vem da experiência e da percepção.»

se aproxima da demência. Então, figurativamente, a memória é a argamassa da arquitetura da mente.

Parece impossível até mesmo começar a discutir sua natureza como ela é em si mesma; pois ela não é uma Coisa de modo algum, mas apenas uma relação entre impressões. Devemos nos contentar em observar suas virtudes.

Antes de mais nada, há aquilo que já foi observado, a sua extensão no tempo. Em segundo lugar há a faculdade de seleção.

Seria tão indesejável quanto impossível que a memória retivesse todas as impressões indiscriminadamente. Tais memórias só são encontradas em asilos para lunáticos. A memória, seja ela qual for, depende do metabolismo cerebral; e prospera em uma harmonia adequada de exercício, repouso e cuidado, assim como a força muscular.

A memória como tal é praticamente inútil; é como uma biblioteca abandonada. Seus dados devem ser coordenados pelo julgamento, e usados com habilidade; ela se assemelha a um grande Órgão que requer um organista.

Ao classificar impressões simples, obtém-se ideias de ordem superior; a repetição desse processo fornece uma estrutura à mente, o que a torna em um valioso instrumento de pensamento. E estes meios permitem que se retenha, e traga à vontade de seu silencioso local de repouso, mil vezes o número de fatos que sobrecarregariam a memória inexperiente. É preciso modelar a mente sobre o arranjo das extremidades das fibras nervosas e do cérebro.

À vontade! Eis aqui a grande chave para a seleção adequada, que se deve lembrar resolutamente todos os fatos que possam ser úteis, e igualmente resolutamente esquecer todos os que são impertinentes, para o Verdadeiro Caminho de sua Estrela no Espaço. Pois somente assim pode-se economizar a faculdade mnemônica; e isto é para dizer: nenhum homem pode começar a treinar sua memória devidamente até que esteja ciente de sua Verdadeira Vontade.

Existe então — como em todos os assuntos relativos ao intelecto — um círculo vicioso; pois uma pessoa só pode se tornar consciente de sua verdadeira Vontade por um julgamento (da intensidade do Samādhi) sobre todos os fatos que é capaz de assimilar. A resolução da antinomia é encontrada *ambulandō*⁴: isto é, pelo treinamento seletivo indicado acima.

Surge uma complicação adicional de toda essa questão durante a prática do Yoga, quando os invólucros da mente são retirados sucessivamente, a pessoa começa a lembrar não apenas de fatos há muito esquecidos, mas também de assuntos que não se referem ao Ego encarnado de forma alguma. A memória se

⁴ «Latim para “caminhando” ou “viajando”.»

estende no tempo até a infância, até a morte anterior, e ainda mais longe para uma série ilimitada de experiências cujo escopo depende do grau de progresso da pessoa. Mas, paralelamente a essa intensificação da ideia do Ego, de sua expansão através dos Êons, surge (em consequência do enfraquecimento do Ahamkâra, a faculdade que produz Ego) uma tendência a lembrar de algo que não aconteceu a “si”, mas a “outras pessoas” ou seres.

Aqui está um dos obstáculos mais irritantes no Caminho dos Sábios; pois o desenvolvimento normal da memória no Tempo leva a uma melhor compreensão da Verdadeira Vontade do indivíduo (como ele concebe a si mesmo) de forma que ele percebe um universo teologicamente mais racional conforme progride. Ser compelido a assimilar as experiências dos supostos “seres alheios” é ficar confuso: a velha divisão de Choronzon (Restrição a ele em nome de BABALON!) mais uma vez abre brechas para o Adepto, que possivelmente já se supunha (em certo sentido) uma pessoa Livre da Cidade das Pirâmides.

Mas é justamente essa experiência — na falta de qualquer outra — que eventualmente insiste em seu cometimento de cruzar o Abismo: pois a alternativa à pura insanidade é vista como a descoberta de uma Fórmula Geral abrangente da Experiência Universal sem referência ao Ego (real ou suposto) em qualquer sentido.

Este paradoxo, como todos os outros, deve ser uma lição de supremo valor: isto é, que toda dificuldade é para nossa vantagem, que toda questão é colocada apenas para nos levar a uma resposta envolvendo um triunfo infinitamente mais glorioso do que poderíamos ter concebido.

a meditação sobre todo esse assunto provavelmente pode nos levar a esta visão adicional de Maravilha: que a natureza das coisas em si é, na realidade, apenas uma função da Memória.

Sofrimento

A Aspiração de se tornar um Mestre está enraizada no Transe do Sofrimento.

Este transe não é simples e definitivo; de fato, geralmente começa de uma forma egoísta e limitada.

A imaginação não consegue penetrar além das condições terrestres, nem a sensação de si captar mais do que a consciência natural.

A princípio, a pessoa não pensa nada mais do que isso: “não há nada possível que seja bom o suficiente para mim”. Somente conforme se amadurece pela

Iniciação que a pessoa se aproxima da assíntota “sabbé pi Duḥkha”⁵ do Buda, quando as relações de sujeito e objeto, ambas expandidas ao infinito, são vistas como não estando menos no âmago da Grande Maldição do que estavam seus primeiros avatares, o Ego egoísta e o Universo perceptível.

Assim também a transcendência deste Transe do Sofrimento. Primeiramente a vitória geralmente ocorre com um truque mental; estendendo o sujeito ou objeto, conforme o caso, por um esforço para escapar da realidade, parece que por um momento a pessoa derrotou a Equação “Tudo é Sofrimento”; mas as nuvens se reúnem conforme a mente recupera seu equilíbrio. Assim, alguém inventa algum “Céu”, definindo-o arbitrariamente como livre de sofrimento: apenas para descobrir, sob exame preciso, que suas condições são as mesmas que as da “Terra”.

Tampouco há qualquer questão racional desse inferno de pensamento. A transcendência do Transe do Sofrimento deve ser feita por meio de outros transes como a Visão Beatífica Superior, o Transe da Maravilha e outros, até mesmo o Transe chamado de a Piada Universal, embora este último seja estranhamente parecido!

Há essa consideração adicional; que todo alvo de contemplação pede apenas que a mente se fixe em um grau muito inferior ao da verdadeira concentração, como assegura Samādhi, para se tornar evidentemente uma ilusão.

Isso foi o suficiente como um breve resumo dos aspectos técnicos do assunto. Mas de fato isso tudo está longe da simplicidade da afirmação d’*O Livro da Lei*:

Lembraí-vos todos vós de que existência é pura alegria; de que todos os sofrimentos são apenas como sombras; eles passam & estão acabados; mas existe aquilo que resta.

Do que pode depender esta percepção, que afirma varrer com o fogo do desprezo os formidáveis ataques de todo pensamento filosófico sério? A solução deve estar na própria metafísica de Thelema.

E aqui nos deparamos com o que é aparentemente um paradoxo do tipo mais desconcertante. Pois *O Livro da Lei*, antecipando a mais sutil das concepções matemáticas recentes, a do maior gênio desta geração, faz com que a unidade da existência consista em um Evento, um Ato de Casamento entre Nuit e Hadit; isto é, a realização de um certo Ponto de Vista. E a procissão de eventos não é a própria condição do Sofrimento, como oposta à perfeição da “Existência Pura”? Aquela é a filosofia antiga, um emaranhado de palavras falsas: nós enxergamos mais claramente. Assim:

⁵ «“Tudo é Sofrimento” em páli.»

Todo Evento é um Ato de Amor, e assim gera Alegria: toda a existência é composta apenas por tais Eventos. Mas então como é que pode haver até mesmo uma ilusão de Sofrimento?

Simplemente por assumir uma Visão parcial e imperfeita. Um exemplo: no corpo humano, cada célula é perfeita, e o homem está em boa saúde; mas se decidirmos considerar praticamente qualquer parte da máquina que o sustenta, aparecerão várias decomposições e coisas semelhantes, o que podem bem ser considerados como se implicassem nos mais trágicos Eventos. E isso seria inevitavelmente o caso se nunca tivéssemos visto o homem como um todo e entendido a necessidade dos diversos processos da natureza que se combinam para formar a vida.

Além disso, para a consciência normal ou dualista, são precisamente as sombras “que passam & estão acabadas” que constituem perceptivelmente: o que o homem “vê” é de fato apenas aquilo que obstrui os raios de luz. Esta é a justificativa para o Buda dizer: “Tudo é Sofrimento”: na palavra “Tudo” ele é muito cuidadoso para incluir especificamente todas aquelas coisas que os homens consideram alegres. E isso não é realmente um paradoxo; pois para ele todas as reações que produzem consciência são, em última instância, cheias de sofrimento, por serem distúrbios da Perfeição da Paz, ou (se você preferir) obstruções ao livre fluxo de Energia.

Assim para ele Alegria e Sofrimento são termos relativos; subdivisões de um único grande sofrimento, que é a manifestação. Não precisamos nos preocupar em contestar essa visão; de fato, as “Sombras” das quais nosso livro fala são aquelas interferências com a Luz causadas pela parcialidade de nossa apreensão.

O Todo é Perfeição Infinita, e assim também cada Unidade dele. Portanto, transcender o Transe do Sofrimento é suficiente para cancelar o sujeito da contemplação, casando-o com o seu igual e oposto na imaginação. Podemos também buscar o método analítico e resolver o complexo que parece Sofrimento em seus átomos. Cada evento é um ato de Amor sublime e alegre; ou o método sintético, procedendo da parte para o Todo, com um resultado similar.

E qualquer um dos movimentos da mente é (com assiduidade e entusiasmo) capaz de transformar o Transe do Sofrimento em si mesmo no Transe cognato atribuído ao Entendimento, o Transe da Maravilha.

Maravilha

“Um pouco mais do que parentes; um pouco menos que queridos”⁶ são o

⁶ «Hamlet Ato 1, Cena 2.»

Transe do Sofrimento e a Visão da Maquinaria do Universo; esta última sendo o aspecto técnico da Apreensão da Lei da Mudança, que também é um Transe da mesma ordem que aquele do Sofrimento. Agora, um modo de vitória sobre todos estes é o Transe da Indiferença, em que alguém se distancia de toda a questão; mas é apenas um modo e (em sua forma geralmente conhecida) é cheio de falsidade e imperfeição. Pois manter-se indiferente é afirmar a dualidade, que é em si a raiz do Sofrimento. Para alcançar o mais elevado, deve-se unir a si mesmo com todas as coisas, comungar de tudo como um verdadeiro Sacramento. E esse movimento leva ao Transe da Maravilha.

Está escrito: “O temor do Senhor é o Princípio da Sabedoria”⁷. Aqui o Predicado se refere à Abertura do Grau de Magus; mas o Sujeito, devidamente traduzido, lê-se “O Maravilhamento diante do Tetragrammaton”, e assim se refere a este Transe. Pois aqui a pessoa se identifica totalmente com o Universo em seu aspecto dinâmico; e a primeira síntese do entendimento dele é essa Perplexidade quanto à aptidão e à necessidade de todo o mecanismo. Pois, dada a fórmula da Manifestação, a necessidade de conceber e perceber a Perfeição por meio do simbolismo da Imperfeição, o próprio processo de ideação torna-se apodítico. (Eu escrevo como se fosse para a menos instruída das Pequenas Crianças da Luz.)

O Transe da Maravilha surge naturalmente – é o primeiro movimento da mente – a partir da frase final do Juramento de um Mestre do Templo. “Interpretarei todos os fenômenos como um trato particular de Deus com a minha alma”. Pois, assim que a Compreensão ilumina a escuridão do conhecimento, todo fato aparece em seu verdadeiro aspecto milagroso.

Assim é: então, quão maravilhoso que assim seja!

Em todos os Trances importantes, e mais especialmente neste, o Postulante deveria ter adquirido o maior conhecimento e Entendimento possíveis do Universo apropriadamente assim chamado. Sua mente racional deveria ter sido completamente treinada em apreensão intelectual: isto é, ele deveria estar familiarizado com toda a Ciência. Isto evidentemente é impossível; mas ele deve aspirar à melhor aproximação de um Adeptado perfeito neste assunto. O método mais viável é fazer um estudo separado de algum ramo específico da Ciência, e um estudo geral da epistemologia. Então, por analogia, fortalecida pela contemplação, uma certa apreensão interna da Unidade da Natureza pode crescer na mente, uma que não será indevidamente presunçosa e enganosa.

Mas a nossa Obra exige mais do que isso. O Neschamah ou Mente Intuitiva também deve ser provido de Conhecimento e Entendimento daqueles Planos da Natureza que estão inacessíveis para os sentidos destreinados. Isto é, ele deve

⁷ «Provérbios 9:10.»

seguir nossos Métodos de Visão com ardor incansável.

Agora, em tudo isso, a verdadeira ciência unitiva e transcendental é a da matemática para o Ruach, e sua coroa, a Santa Cabala para o Neschamah. Por meio disto, a Obra não é, como a princípio pareceria, aumentada além da capacidade humana. Há um estágio crítico definido, comparável àquele familiar aos Adeptos do Āsana e do Dhāraṇā, após o qual os termos da Equação (como os últimos termos de uma Expansão Binomial) se repetem, embora de outra maneira, de modo que a meditação se torna progressivamente mais fácil. O Postulante, por assim dizer, se acha em casa. O conhecimento adicional não é mais um fardo para a mente. Ele é capaz de descartar os fatos grosseiros que se apresentam como complicação, e apreender sua essência na simplicidade. De fato, ele conseguiu desenvolver uma função superior da mente. O processo é semelhante ao que ocorre no estudo ordinário de uma ciência, quando, ao compreender a natureza de uma lei geral subjacente à diversidade de experiências, é possível não apenas assimilar novos fatos com facilidade, mas também predizer fatos novos completamente desconhecidos. Pode-se exemplificar a descoberta de Netuno a partir de considerações matemáticas sem pesquisa ótica, e a descrição de elementos desconhecidos pela contemplação da Lei Periódica.

Saiba então que cada um desses passos na Meditação é em si uma Energia motriz capaz de induzir o Transe da Maravilha; e este Transe (como todos os outros) cresce em sublimidade e esplendor com a quantidade e qualidade do material que é fornecido à mente pelo Adepto.

Portanto, aqueles que desprezam a ciência “profana” são desprezíveis. É sua própria incapacidade de verdadeiro Pensamento de qualquer tipo sério, sua vaidade e compaixão; e mais ainda! seu próprio senso subconsciente de sua própria vergonha e ócio, que os induz a construir essa frágil fortificação de ignorância pretensiosa.

Não há nada no Universo que não seja de suprema significância, nada que não possa ser usado como a pedra angular do Arco-Íris do Transe da Maravilha.

É necessário acrescentar apenas uma breve palavra a este ensaio básico: este Transe não é, por sua natureza, apenas passivo e intuitivo. Sua ocorrência inunda a mente com Energia Criativa; enche o Adepto de Poder e excita nele a Vontade de trabalhar. Ele o exalta ao Mundo Atzilúthico em sua Essência, e em sua manifestação ao Briático. Portanto, em um sentido muito especial, pode-se dizer que o Postulante está intimamente unido ao Supremo Senhor Deus Altíssimo, o Criador Verdadeiro e Vivo de todas as coisas, quando quer que ele entre neste majestoso Pílo do Transe da Maravilha.

Beatitude

Existem duas formas bem distintas da Visão Beatífica. A superior pertence a Kether e, portanto, é apropriada apenas para o Ipsissimus, embora possa ser apreciada esporadicamente (e, por assim dizer, por acaso) por aqueles de graus mais baixos.

É uma ocorrência extremamente rara e, de fato, nunca foi descrita em detalhes; pode até ser dito que é duvidoso que alguma explicação sobre sua verdadeira forma tenha sido dada ao mundo. Aqui só é preciso dizer que sua fórmula é “Amor é a lei, amor sob vontade” e que sua natureza é o Sacramento Perpétuo da Energia em ação. Depende do perfeito domínio dos Mistérios do Sofrimento e da Mudança, com identificação minuciosa com o da Individualidade.

Então vamos nos ocupar com a forma inferior desta Visão (inapropriadamente assim chamada; já que não é tecnicamente uma Visão de modo algum) que pertence a Tiphareth e, portanto, é a graça natural do Adepto Menor. Pode-se dizer de imediato que aqueles que alcançaram graus mais elevados, especialmente aqueles acima do Abismo, dificilmente podem retornar a essa Visão. Pois ela implica certa inocência, um certo defeito de Entendimento que não é possível a um Mestre do Templo. Novamente, os Graus de Adepto Isento e Maior são energéticos demais para admitir a quietude equilibrada deste estado.

Somente no centro da Árvore da Vida, somente na segurança autossustentada do Eixo Solar, podemos esperar encontrar a indiferença constante ao Evento que é a base do Transe, e esse brilho ontogênico que o tingem com Rosa e Ouro.

Este Transe difere notavelmente da maioria dos outros de uma forma que as condições acima indicadas nos levariam a esperar. É, psicologicamente, um estado; ao contrário de uma Ação ou um Evento. É verdade que todos os Transes de intensidade Samádica são, em certo sentido, intemporais; mas pode-se dizer que a maioria deles é marcada por questões bem definidas de um caráter crítico. Ou seja, a entrada para cada um é quasi-espasmódica.

Neste caso, no entanto, não encontramos tal diagnóstico.

O Transe pode continuar por semanas ou meses, e o devoto mais fervoroso de Tahuti, procurando em seu Registro Mágico com a mais conscienciosa acuidade, acha impossível indicar o início da Visão. De fato, pode-se supor que a Visão não surge de uma determinada ação, mas sim de uma sutil suspensão da ação. O conflito de eventos terminou felizmente em um estado de equilíbrio serenamente perfeito, no qual, embora a energia continue a se manifestar, seus problemas se tornaram sem importância. Podemos comparar a condição com o retorno à saúde de um homem atingido pela febre. A alternância de pirexia e temperaturas subnormais diminuiu; ele gradualmente se esquece de consultar o termômetro nos

intervalos habituais, absorve-se instintivamente em suas atividades regulares. Ao mesmo tempo, ele não está mais consciente dos períodos de calor e frio, mas está semiconsciente do brilho silencioso da saúde. Similarmente, nessa Visão, todo esforço mágico consciente cessa, embora se continue com as práticas com toda a diligência costumeira, e todas as impressões do Adepto, internas e externas, são impregnadas pelo brilho de beleza e deleite. Em muitos aspectos, o estado é semelhante àquele que é procurado pelo usuário de ópio; mas é natural e não requer supervisão artificial.

Conclui-se do exposto acima que nada poderia ser mais absurdo do que tentar dar instruções para a obtenção desse estado.

Aspirar a ele (ou ainda pior, procurar recuperá-lo depois que ele passou) deve parecer ser o clímax de uma lógica ruim. Nem, tão deletável e abençoado como é, pode-se chamá-lo realmente de algo desejável.

Não precisamos assumir que ela seja prejudicial de modo algum, que esgote o bom Karma ou que desperdice tempo e diminua a aspiração. Quando ocorrer, ela deve ser aceita com calma indiferença, desfrutada ao máximo e abandonada sem arrependimento. Sua ocorrência é, em todo caso, uma evidência clara de que o Adepto atingiu um estado definido e exaltado de ser, já que ele pode viver tantas horas sem ser perturbado pela incidência de qualquer força motriz. Ela implica um grau acentuado de consecução de controle interno e externo. Ela prova a possibilidade de repouso perfeito no meio da maior atividade, e assim indica a solução do problema final da filosofia, o prêmio para a conquista das Três Características⁸. Deve dar alento ao Adepto em sua Aspiração, encorajando-o a confrontar o terrível postulado do Abismo. Deve servi-lo como refresco e nutrição; deve assegurar-lhe a possibilidade de perfeição na Obra Maior, demonstrando sua existência como uma Coroa para a Menor.

Além disso, o desfrute do Deleite e a apreensão da Beleza em todas as coisas, mesmo neste plano em que a análise ainda não se tornou aguçada, realmente fortalecem o coração e acendem a imaginação.

Portanto, que o Postulante da Rosa-Cruz siga seu Caminho com solene força, consciente de que no momento apropriado ele poderá receber, sem solicitar, a recompensa, e desfrutar da inundação revivificante da doce Luz, que foi chamada de Visão Beatífica pelos Adeptos.

Riso

O defeito comum de todos os sistemas místicos, anteriores àqueles do Êon

⁸ «As Três Características ou marcas da existência de acordo com o Budismo: aniccā (impermanência), dukkha (sofrimento) e anattā (não-self).»

cuja Lei é Thelema, é que não havia lugar para o Riso. Mas a tristeza da Mãe enlutada e a melancolia do Homem moribundo são varridos para o limbo do passado pelo sorriso confiante da Criança imortal.

E na carreira do Adepto de Hórus não há Visão mais crítica do que a Piada Universal.

Nesse Transe ele aceita completamente a Fórmula de Osíris, e no ato transcende-a; a lança do Centurião passa inofensivamente por seu coração, e a espada do Executor ataca preguiçosamente seu pescoço. Ele descobre que a Tragédia que foi exagerada durante tantos séculos é apenas uma farsa para entreter as crianças. Punch⁹ é derrubado apenas para se levantar sorrindo com seu alegre “Rut-tu-tu-tit! Nós aqui de novo!” Judy, Beadle, Hangman e o Diabo são apenas os companheiros de sua brincadeira.

Assim, uma vez que (afinal de contas) os fatos que ele considerava trágicos são bastante reais, a essência de sua solução é que eles não são verdadeiros, como ele pensava, sobre si; eles são apenas um conjunto de fenômenos, tão interessantes e tão impotentes para afetá-lo quanto qualquer outro conjunto. Sua dor pessoal devia-se à sua insistência apaixonada em contemplar um insignificante conglomerado de Eventos como se fosse a única realidade e importância na massa infinita da Manifestação.

É assim que a Percepção da Piada Universal conduz diretamente ao Entendimento da Ideia do Self como sendo contíguo ao Universo, e ao mesmo tempo um com ele, criadora dele, e separado dele; cujo Estado Triuno é, como bem se sabe, um dos estágios mais necessários do Samādhi. (É o culminar de um dos dois capítulos mais importantes do *Bhagavad Gītā*.)

Há mais um mérito neste assunto. A ideia da Crueldade é inerente à do Riso, como foi demonstrado por muitos filósofos; e isto é, sem dúvidas, porque ela foi excluída pelas Escolas Místicas dos tratantes da Piedade de seus currículos monótonos. A única resposta é encolher os ombros em humorístico desprezo. Pois contra esta rocha, e nenhuma outra, todos os seus valentes barcos afundaram um a um em meio aos ἀνήριθμον γέλασμα¹⁰ do Oceano. A natureza é cheia de crueldade; seus pontos mais altos de alegria e vitória são marcados pelo riso. É a verdadeira explosão e relaxamento fisiológicos que o produzem. Notavelmente, drogas como *Cannabis Indica* e *Anhalonium Lewinii*, que realmente “soltam as vigas da alma que dão a ela respiração”¹¹, provocam o riso imediato como um de

⁹ «*Punch and Judy*, um show de marionetes britânico.»

¹⁰ «“Inúmeros sorrisos” em grego.»

¹¹ «*Oráculos Caldeus*, v. 88. Há uma versão alternativa na *Coletânea Hermética* de William Wynn Westcott, Editora Madras: “Os principais suportes da Alma, que dão a ela respiração, são fáceis de serem soltos”»

seus efeitos mais característicos.

Ó, o enorme desprezo completo pelo self limitador que brota do sentimento de gigantesca desproporção percebido por este Riso! Ele realmente mata, com festins canibais dos mais alegres, aquele azedo missionário de capa preta, o sério Ego, e o coloca na panela. Rá-rá! — a Voz da Civilização — o Mensageiro do Deus do Homem Branco — blup, blup, blup! Jogue outro punhado de sálvia, irmão! E a fumaça com cheiro adocicado eleva-se e vela com requintada sedução tímida os corpos desavergonhados das Estrelas!

Além de tudo isso, por um valor prático — já que as placas de sinalização em todas as curvas do Caminho dos Sábios dizem PERIGO — ainda que brotando diretamente dele em virtude desse mesmo assassinato do Ego, está o uso do Riso como uma salvaguarda da sanidade. Quão fácil é, para os charlatões da oratória, seduzir o entusiasmo simples da alma! Que ajuda temos a menos que tenhamos a sagacidade de percebê-los como sendo ridículos? Não há limite para o abismo da Idiotice no qual os charlatões nos mergulharam — nosso único reflexo salvador é a piada automática do Senso de Humor!

Robert Browning não estava longe do Reino de Deus quando escreveu:

Alegra-te que o homem seja arremessado
De mudança a mudança incessantemente,
As asas de sua alma nunca se fecharam

e afinal de contas, há pouco sal no desdém de Juvenal “satur est, cum dicit Horatius, Evoe”¹²! Pois ainda não há registros de que qualquer homem tenha trazido ajuda ou consolo a seu companheiro através de lamúrias.

Não, a Piada Universal, embora não seja um verdadeiro Transe, é certamente um meio de Graça, e muitas vezes prova o ingrediente principal do Solvente Universal.

De volta para Browning, às bravas últimas palavras que ele escreveu, quando seu relógio marcava oitenta anos:

Cumprimente o não-visto com alegria!
Convide-o, de peito ou de costas, como for.
‘Esforça-te e prospera’ brada ‘Avante — siga lutando, continuamente ‘Lá como aqui!’

Amém.

Se o mundo fosse compreendido
Vós veríeis que ele era bom,

¹² «Latim para “Horácio estava de barriga cheia quando declarou ‘Evohé!’”, um trecho de *Juvenal e Persius*.»

Uma dança de um ritmo delicado!

Sim! vamos terminar com a mais súbita e surpreendente Palavra de um certo Anjo d’*A Visão e a Voz*, que deixou o Vidente cair em seu solene Transe com a frase jubilante e alegre — “Mas eu parto dançando!”

As Tábuas da Lei? Bá! Solvuntur tabulae — rīsū¹³!

Indiferença

O estado de espírito caracterizado pela Indiferença é comumente chamado de Transe, mas essa designação incorreta é lamentável. De fato, em certo sentido, ele é o exato oposto de um Transe; pois Transe geralmente implica em Samādhi, e este estado exclui especificamente qualquer ocorrência desse tipo. Aquele implica em uma união, e este em uma dissociação intencional. No entanto, não há nada aqui que sugira necessariamente qualquer prática dos Irmãos Negros; pois este estado não é, propriamente falando, uma Consecução, mas antes uma atitude conveniente. E é da maior importância e uso práticos. Uma pessoa não consegue permanecer indefinidamente em qualquer Samādhi; ao mesmo tempo, é conveniente preencher os intervalos entre as rajadas de trabalho positivo de modo que ela fique o mais livre possível para dar o próximo passo. Portanto, a pessoa deveria cultivar um hábito mental que não seja limitado por nenhuma forma de desejo. Desta forma, o Estado de Indiferença é uma forma daquele Silêncio que é defesa e proteção, e é cognato com a Terceira Nobre Verdade do Budismo, a Cessação do Sofrimento.

A ideia geral do estado é que a mente deve reagir automaticamente a toda e qualquer impressão: “Não importa se o Evento é positivo ou negativo”. Blavatsky observa que a sensação é pelo menos tingida de desgosto. Mas isso é um erro; tal estado é imperfeito. Ao contrário disso, deveria haver uma alegria bem definida, não na impressão em si, mas em ser indiferente a ela. Essa alegria surge sem dúvidas da sensação de poder envolvida; mas isso é novamente uma imperfeição; a pessoa deve antes alegrar-se com o conhecimento da derradeira verdade de que “a existência é pura alegria”, não com qualquer sentimento mais imediato.

Deve-se observar que a consecução e manutenção desse estado depende em grande parte do domínio de vários Transes. Por exemplo, deve-se estar convencido da Primeira Nobre Verdade pelo Transe do Sofrimento, ou não seria lógico ser indiferente a todas as coisas; poderia haver, na ausência dessa percepção de “sabbe pi Dukkha”, alguma impressão que realmente levasse a um estado livre de Sofrimento, e este não é o caso. Estar livre do Sofrimento depende de estar livre das impressões.

¹³ «Latim para “as tábuas são quebradas em meio a risos”.»

No entanto, não seria justo dizer que este Estado de Indiferença é semelhante àquele Embotamento que se segue ao espasmo agudo de Sofrimento; a anestesia de um nervo não diminui pelo excesso de dor. Nunca há lugar para a passividade no currículo de um Magista — é claro que aqui abrimos uma exceção para aquilo que pode ser chamado de Passividade Ativa ou Intencional conforme descrita em *Liber LXV*. A Indiferença deve ser uma condição intensamente ativa. Pode-se comparar isso com a facilidade de um esgrimista habilidoso, que enfrenta e desvia todo ataque possível de seu adversário com igual vigor, inconsciente de seus atos, porque treinou seu olho, punho e até mesmo sua lâmina para pensar por si mesmos. Portanto, a Indiferença é a forma espiritual da Consciência Automática do Adepto; e esta reside em Yesod, o local da Fortaleza na Fronteira do Abismo, conforme descrito em *Liber 418* no Décimo Primeiro Æthyr.

Sendo esta Indiferença um hábito da Mente Normal, ela é mais fácil de ser alcançada do que qualquer verdadeiro Estado Samádico e envolve menos habilidade técnica. Este é particularmente o caso porque, como observado acima, o Transe do Sofrimento foi uma preliminar quase necessária para a compreensão adequada do que ela implica. Portanto, o método para adquirir (prefere-se esta palavra ao invés de “alcançar”) a Indiferença é simples; ele é, efetivamente, o Caminho do Dào.

Os seguintes Sorites¹⁴ podem ser úteis para o Aspirante:

A existência pode ser entendida apenas como um Continuum.

Portanto, todas as partes da Existência são derradeiramente equivalentes, cada uma sendo igualmente necessária para completar o todo.

Desta forma, cada evento deve ser recebido com igual honra, e a reação a ele feita com igual indiferença.

Vejamos um exemplo prático. Suponha que se receba mil libras e esse valor seja pago em várias moedas, com notas promissórias em várias somas. Uma vez que sabemos de antemão que o saldo a seu favor é de £1.000, não se fica entusiasmado com o aparecimento de qualquer item em particular, mas continua-se contando continuamente, tendo a reação certa, se um item positivo ou negativo está em questão, com perfeita calma e precisão. Cada entrada na conta pode ser diferente; mas a atitude mental da pessoa é invariável. O erro comum da mente não filosófica é, de fato, devido à ignorância da verdadeira natureza da alma. A pessoa é capaz de supor que cada Evento, à medida que ocorre, pode ser “bom” ou “ruim”, e pode indicar que se está ganhando ou perdendo. Mas tão logo se tenha certeza de que a questão é factícia, de que foi determinada de antemão, torna-se absurdo ser afetado por um incidente no processo ilusório que a Natureza

¹⁴ «Paradoxo de Sorites ou Paradoxo do Monte: ao remover grãos de um monte de areia, em que momento o monte deixa de ser um monte?»

usa simbolicamente para expressar a fatalidade da Verdade e não por qualquer outro.

É interessante notar que este método de adquirir Indiferença é bastante independente de qualquer experiência do Transe do Sofrimento; é uma consideração simples e normal baseada em premissas estritamente thelêmicas. Portanto, é altamente recomendável. Os métodos do Êon morto de Osíris de fato eram acompanhados por perigos notáveis. Por um lado, a questão da Separação do Universo é crítica; por outro, é um erro depender de uma teoria como a implícita na Primeira Nobre Verdade em seus aspectos externos. De modo geral, é melhor adotar a atitude puramente intelectual e ancorá-la subsequentemente no Neschamah simplesmente transcendendo a mente racional normal da maneira usual pelo Método da Contradição, ou da equiparação dos Opostos, como é descrito em *Konx Om Pax*, e nos melhores Ensaios sobre a Santa Cabala.

Além disso, pode levar a vários tipos de erro considerar a Indiferença como sendo um estado inferior ao Samādhi. Em particular, a pessoa pode ter a tendência de considerá-lo passivo, imperfeito, como um interregno; quando deveria considerá-lo como um estado de Paz com Vitória.

Por fim, só é preciso acrescentar que a Indiferença não é perfeita até que tenha entrado em plena posse de pelo menos um traço Samádico, o Automatismo. Enquanto permanecer qualquer necessidade de esforço consciente para lidar com qualquer impressão, qualquer necessidade de lembrar o processo pelo qual o estado é alcançado, ou mesmo qualquer necessidade de interferência consciente com, ou conhecimento da, reação reflexiva elástica puramente espontânea, o Aspirante ao Summum Bonum, Verdadeira Sabedoria e Perfeita Felicidade, não adquiriu adequadamente o Hábito da Indiferença.

Maestria

O objetivo daquele que deseja ser Mestre é único; os homens chamam isso de Ambição Pessoal. Ou seja, ele quer que seu Universo seja o mais vasto e o controle dele seja o mais perfeito possível.

Poucos falham ao entender esse objetivo; mas muitos falham na formulação de sua campanha para alcançá-lo. Alguns, por exemplo, enchem a bolsa com ouro das fadas, e quando tentam usá-lo, descobrem que são folhas secas. Outros tentam governar o universo de outrem, sem perceber que não podem nem mesmo ter verdadeira percepção dele.

O método apropriado de estender o universo de alguém, além do aparato convencional da Ciência material, é tripartido: evocação, invocação e visão. O controle é uma questão de conhecimento teórico e prático das Fórmulas Mágicas, mas notavelmente também de Autodisciplina. A base deve ser consolidada e todas

as contradições resolvidas em harmonias superiores, através dos diversos Transes.

De fato, muitas coisas são óbvias sob uma consideração superficial; então é estranho que tão poucos Magistas deem o próximo passo na investigação quanto à disponibilidade do Instrumento. Realmente, é um egoísmo míope presumir que o seu Self certamente encontrará o meio adequado à disposição para sua próxima aventura.

Aqui a Memória Mágica é de virtude maravilhosa para corrigir a perspectiva; pois quantas vezes no passado a vida de uma pessoa foi um fracasso completo devido à mera falta de meios adequados de autoexpressão? E quem entre nós pode ficar realmente satisfeito (hoje em dia, sabendo o que fazemos) mesmo com o mais perfeito instrumento humano?

Portanto, não é nada mais do que simples bom senso que o Magus formule seu objetivo político geral em alguns termos como estes:

Garantir a maior liberdade possível de autoexpressão para o maior número possível de Pontos-de-Vista.

De cujo tema o aspecto prático pode ser expresso da seguinte forma:

Melhorar a raça humana de todas as maneiras concebíveis, de modo a ter à disposição para o serviço a maior variedade possível dos melhores Instrumentos imagináveis.

E esta é a justificativa racional do aforismo aparentemente imbecil e muitas vezes sentimental e hipócrita:

Ame todos os Seres! Sirva à Humanidade!

Ou seja, no plano político; pois também essas duas frases contêm (1) a Fórmula Mágica que é a Chave da Invocação e do Transe (2) a injunção implícita para tornar claro o Caminho do Magista pelos Céus pela correta disposição de cada Estrela. A palavra “servir” é de fato enganosa e questionável: ela implica uma atitude falsa e desprezível. A relação entre os homens deve ser o respeito fraterno que se obtém entre nobres estranhos. A ideia de serviço ou é verdadeira e humilhante; ou falsa e arrogante.

A armadilha mais comum e fatal que ameaça o homem que começou a estender seu Universo além do mundo da percepção sensorial é chamada de Confusão dos Planos. Para aquele que percebe o Todo-Um, e que sabe que distinguir entre quaisquer duas coisas é o erro básico, deve parecer natural e até correto realizar o que parecem forçosamente Atos de Amor entre ideias incongruentes. Ele tem a Chave dos Idiomas: por que então ele, o inglês, não deveria se valer dela para falar em hebraico sem aprendê-lo? O mesmo problema se apresenta diariamente em uma miríade de formas sutis. “Comande essas pedras

a se tornarem pães”. “Atira-te do pináculo do Templo: como está escrito: ‘Ele encarregará seus anjos de ti, para te guardar em todos os teus caminhos’.” — Estas últimas quatro palavras lançam luz sobre a névoa de Choronzon — Restrição a ele em Nome de BABALON! Pois “seus caminhos” são os caminhos da Natureza, que estabeleceu entre os planos uma relação bem ordenada; deformar este dispositivo não é, e não poderia ser, o “teu caminho”. O Ato de Amor, assim aparentando, é um falso gesto; pois tal amor não é “amor sob vontade”. Esteja bem ciente, ó tu que procuras alcançar a Maestria, de não fazer nada “milagroso”: o sinal mais certo do Mestre é este, de que ele é um homem de paixões semelhantes às de seus companheiros. Ele realmente transcende todas elas, e as torna todas em perfeições: mas ele faz isso sem supressão (pois “Tudo o que vive é santo”) ou distorção (pois “Toda Forma é um verdadeiro símbolo da Substância”) ou confusão (pois “Mistura é ódio como União é amor”). Iniciação significa Viagem em direção ao Interior: nada é alterado ou pode ser alterado; mas tudo se torna mais verdadeiramente compreendido a cada passo. O Magus dos Deuses, com Sua única Palavra que parece derrubar a carruagem da Humanidade em ruína, de fato não destrói ou mesmo altera nada; Ele simplesmente fornece um novo modo de aplicar a Energia existente às Formas estabelecidas.

A invenção das máquinas elétricas não interferiu de forma alguma com a Matéria ou com o Movimento; só nos ajudou a livrarmo-nos de certos aspectos da Ilusão de Tempo e Espaço, e assim trouxe as mentes mais inteligentes ao limiar da Doutrina Mágica e Mística: elas foram forçadas a imaginar a possibilidade da percepção do Universo como ele é, livre de condições. Ou seja, eles tiveram um vislumbre da natureza da Consecução da Maestria. E certamente é apenas um pequeno passo para os líderes da Ciência natural, sendo a Matemática sua estrela-guia, que eles devam entender a necessidade compulsória da Grande Obra, e dedicar-se à sua realização.

Aqui, os grandes obstáculos são estes; em primeiro lugar, a incompreensão do Self; e em segundo lugar, a resistência da mente racional contra suas próprias conclusões. Os homens devem se livrar dessas duas restrições; eles devem começar a perceber que o Self está oculto atrás, e de maneira independente, do instrumento mental e material no qual apreendem seu Ponto-de-Vista; e devem buscar um instrumento diferente daquele que insiste (com cada observação) em impingir sobre eles aquilo que é apenas sua falha e erro mais odioso, a ideia de dualidade.

O Êon de Hórus está aqui: e sua primeira flor pode muito bem ser esta: que, livres da obsessão da condenação do Ego na Morte, e da limitação da Mente pela Razão, os melhores homens novamente partiram com olhos ansiosos no Caminho dos Sábios, a trilha do bode na montanha, e então a Cordilheira inexplorada, que leva aos pináculos cintilantes de gelo da Maestria!

Transe

A palavra *Transe* implica uma passagem para além: *scil.*¹⁵, das condições que oprimem. O único e inteiro objetivo de todo verdadeiro treinamento Mágico e Místico é libertar-se de todo tipo de limitação. Assim, corpo e mente, no sentido mais amplo, são os obstáculos no Caminho dos Sábios: o paradoxo, por mais trágico que pareça, é que eles também são os meios de progresso. O problema é como se livrar deles, ultrapassá-los ou transcendê-los, e isso é tão estritamente prático e científico quanto eliminar impurezas de um gás, ou usar habilmente as leis da mecânica. Aqui está a inevitável falha lógica nos sorites do Adepto, que ele está preso pelos próprios princípios que ele tem por objetivo superar: e daquele que procura descartá-los arbitrariamente, eles se apressam em se vingar terrivelmente!

É na prática, não na teoria, que essa dificuldade subitamente desaparece. Pois quando tomamos medidas racionais para suspender a operação da mente racional, a inibição não resulta em caos, mas sim na apreensão do Universo por meio de uma faculdade à qual as leis da Razão não se aplicam; e quando, voltando ao estado normal, procuramos analisar nossa experiência, descobrimos que a descrição é rica em absurdos racionais.

Entretanto, em uma análise mais aprofundada, torna-se gradualmente claro — gradualmente, porque o hábito de *Transe* deve estar firmemente fixado antes que suas impressões fulminantes sejam verdadeiramente inteligíveis — que não existem dois tipos de Pensamento, ou de Natureza, mas apenas um. A Lei da Mente é a única substância do Universo, assim como o único meio pelo qual nós a apreendemos. Portanto, não há verdadeira antítese entre as condições do *Transe* e as do raciocínio e da percepção; o fato de que o *Transe* não é passível às regras do argumento é impertinente. Dizemos no *Xadrez* que um Cavalo atravessa a diagonal de um retângulo medindo três quadrados por dois, negligenciando seu movimento como um objeto material no espaço. Nós descrevemos uma relação limitada definida em termos de um sentido especial que funciona por um simbolismo arbitrário: quando analisamos qualquer exemplo de nossos processos mentais comuns, achamos o caso inteiramente similar, pois o que “vemos”, “ouvimos”, etc. , depende de nossas idiossincrasias por um lado, e da interpretação convencional por outro. Desta forma, concordamos em chamar a grama de verde, e evitamos caminhar sobre a borda de precipícios, sem qualquer tentativa de assegurar que quaisquer duas mentes tenham concepções exatamente idênticas do que essas coisas podem significar; e assim também concordamos com os movimentos no *Xadrez*. Então, pelas regras do jogo, devemos pensar e agir, ou nos arriscamos a todo tipo de erro; mas podemos estar perfeitamente cientes de

¹⁵ «*Scilicet*: significa “a saber”, “como segue”, “naturalmente”.»

que as regras são arbitrárias e que, afinal de contas, é apenas um jogo. A constante tolice do místico tradicional tem sido de ficar tão orgulhoso de si mesmo por descobrir o grande segredo que o Universo não é mais que um brinquedo inventado por ele mesmo para sua diversão que ele se apressa em mostrar seus poderes deliberadamente interpretando mal e abusando do brinquedo. Ele não compreendeu o fato de que uma vez que aquilo não é nada mais do que uma projeção de seu próprio Ponto-de-Vista, é inteiramente a Si mesmo que ele ofende!

Aqui está o erro de tal Panteísmo como o de Mansur al-Hallaj, que Sir Richard Burton tão deliciosamente ridiculariza (em *O Kasîdah*) com sua impotência —

Mansur era sábio, mas mais sábios eram aqueles que o apedrejaram;

E apesar de seu sangue ser testemunha, nenhuma sabedoria poderia consertar seus ossos.

Deus estava nas pedras tanto quanto dentro do turbante; e quando os dois caíram juntos, um ponto de percepção do pacto foi obscurecido — o que de modo algum era seu desígnio!

Para nós, no entanto, este assunto não é de arrependimento; ele é (como todo fenômeno) um Ato de Amor. E a própria definição de tal Ato é a Passagem Além de dois Eventos para um Terceiro, e sua retirada ao Silêncio ou o Nada por reação simultânea. Nesse sentido, pode-se dizer que o Universo é uma questão constante no Transe; e, de fato, o entendimento adequado de qualquer Evento por meio da Contemplação adequada deve produzir o tipo de Transe apropriado ao Evento-Indivíduo complexo no caso.

Agora, toda Magia¹⁶ é útil para produzir Transe; pois (α) treina a mente na disciplina necessária ao Yoga; (β) exalta o espírito à sublimidade impessoal e divina que é a primeira condição do sucesso; (γ) amplia o alcance da mente, assegurando-lhe o pleno domínio de todo plano mais sutil da Natureza, proporcionando assim material adequado para a consumação extática da Eucaristia da Existência.

A essência da ideia de Transe está, de fato, contida na essência da Magia, que é proeminentemente a Ciência e Arte transcendental. Seu método é, em um sentido principal, Amor, a própria chave do Transe; e, em outro, a passagem além das condições normais. Os verbos transcender, transmitir, transcrever e assim por diante, são todos de virtude cardinal na Magia. Por isso “Amor é a lei, amor sob vontade” é o supremo epítome da doutrina Mágica, e sua Fórmula universal. Nenhum homem precisa temer declarar corajosamente que toda Operação Mágica só é completa quando é caracterizada (em um sentido ou outro) pela ocorrência

¹⁶ «*Magick* no original.»

do Transe. Foi ruim restringir o uso da palavra à substituição da consciência humana dualista pelo estado impessoal e monístico de Samādhi. A fonte do Erro borbulha com celeridade do pântano da Ignorância quando a distinção é forçosamente traçada “entre qualquer uma coisa e qualquer outra coisa”. Sim, em verdade, e Amém! a primeira necessidade assim como a última consecução do Transe é abolir toda forma e toda ordem de individualidade tão rapidamente quanto se apresenta. Por este raio podeis ler no Livro de vosso próprio Registro Mágico o autêntico estigma de vosso próprio sucesso.

Energia

Energia é o Motivo Sacramental do Evento: desta forma, ela é onipresente, em manifestação por interrupção e compensação e, de outra forma, pela retirada correspondente. (Neste contexto, que seja lembrada a fórmula completa do Tetragrammaton.)

Entretanto, existem três tipos principais de experiência especial que são marcos notáveis no processo de Iniciação e de valor prático urgente para o Magista.

Observando-se o símbolo do Sacramento, eles diferem assim como os três participantes ali: o Deus, o Sacerdote e o Comungante.

No mais alto, ou seja, o de Kether, a Energia irradia totalmente de si: isto é, a pessoa está inteiramente identificada com Hadit.

No do meio, o de Chokmah, a Energia passa inteiramente através da pessoa: isto é, ela assume as funções de Tahuti.

No mais baixo, isto é, de Geburah, a Energia incide totalmente sobre a pessoa: isto é, a pessoa a absorve como um homem.

Em todos os casos, a Energia sobre a qual escrevemos aqui não é particular ou personificada; é Energia em si, sem qualidade.

O modo mais elevado só pode ser totalmente apreendido por um Ipsissimus; é a consecução final. É a contraparte ativa da forma superior da Visão Beatífica.

O modo intermediário é próprio de um Magus ou de alguém que aspira à função profética dele. Ele é descrito, e o método para obtê-lo estabelecido, no Livro chamado *Opus Lutetiānum*¹⁷.

O modo mais baixo é a tarefa peculiar de um Adepto Maior. É mais bem

¹⁷ «*Opus Lutetiānum* (latim para “obra parisiense”) é o nome de uma instrução em Classe AB da A∴A∴ também chamada de *Liber CDXV: A Operação de Paris.*»

realizado por meio do Segredo do Santuário da Gnose (IX° O.T.O.).

Do modo mais elevado, não seria adequado nem útil tratar mais intimamente: o modo do meio diz respeito a cada Magista em suas relações peculiares e privadas com o Infinito, e exige de cada um de seus Adeptos uma preocupação especial: mas do mais baixo é conveniente falar mais.

É uma prova estranhamente convincente do verdadeiro cuidado da Natureza com os instrumentos Dela, apesar da evidência superficial do contrário em que as doutrinas do pessimismo se baseiam, que a mais preciosa, a única Graça fundamentalmente essencial que pode ser concedida à humanidade é, de todos os benefícios Mágicos, aquela que pode ser alcançada com mais facilidade e certeza do que qualquer outra. Pois a Energia é em si mesma tudo o que existe: e nós variamos com a quantidade e qualidade dela, que podemos chamar de “nós mesmos”.

O preço que Ela exige é, sem dúvidas, suficientemente alto para uma certa classe; mas deve ser pago igualmente, em vários graus, para cada tipo de Aventura Mística e Mágica.

Este preço é, em essência, o pleno Entendimento da Mente da Própria Natureza e a completa simpatia com o Modo de Trabalho Dela. Todos os códigos morais da humanidade, com todas as suas diversidades absurdas, têm um fator comum: eles fingem ter encontrado motivos e métodos que são superiores aos Dela.

Ou seja, eles presumem uma concepção do Fim que está além da visão Dela: eles afirmam a posse de uma Inteligência mais elevada do que aquela que tem produzido o Universo. Considere apenas que a manifestação mais elevada possível para a mente racional é a descoberta das Leis que resumem a maneira como Ela opera!

Podemos então dizer de uma vez que toda essa arrogância pretensiosa é impudência e absurdo; e deve ser abandonada, ou melhor, desenraizada e calcinada antes que qualquer progresso sério possa ser feito na Arte Real e Sacerdotal. Daí também qualquer aspiração de uma ordem parcial, qualquer aspiração que dependa para sua sabedoria da justiça de nossas percepções de nossas próprias necessidades, é quase certo que será contaminada com o próprio veneno do qual a Natureza nos purgaria.

De fato, há apenas uma Operação Mágica de cuja propriedade podemos sempre estar certos; e essa é o aumento da nossa soma de Energia. É até indiscreto tentar especificar o tipo de Energia necessária e, pior, considerar qualquer propósito particular.

Aumentando a Energia, a própria Natureza fornecerá clareza: nossa Visão é

obscura apenas porque nossa Energia é deficiente. Pois a Energia é a Substância do Universo. Quando é adequada, não temos dúvidas sobre como empregá-la; testemunhe o caso evidente da vontade do Adolescente. Deve-se notar também que a obstrução moral ao uso correto desta Energia causa imediatamente as mais hediondas deformações de caráter e determina as lesões mais graves do sistema nervoso.

Portanto, que o Magista se despoje de todos os preconceitos quanto à natureza de sua Verdadeira Vontade, mas dedique-se avidamente a aumentar o Potencial dele. Nesta disciplina (além disso) ele está começando a se preparar para aquela abdição de *tudo o que ele tem e tudo o que ele é* que é a essência do Juramento do Abismo!

Assim, então, encontramos mais um daqueles paradoxos que são as imagens da Verdade das Supernais: destruindo nossa própria moralidade mais elevada e confiando em nosso instinto natural como o único guia, chegamos de maneira inconsciente à mais simples e à mais sublime de todas as concepções éticas e espirituais.

Conhecimento

Daäth — Conhecimento — não é uma Sefhira. Não está na Árvore da Vida: ou seja, na realidade não existe tal coisa.

Existem muitas provas desta tese. A mais simples (se não a melhor) é talvez a seguinte:

Todo conhecimento pode ser expressado na forma de $S=P$

Mas se for assim, a ideia P está realmente implícita em S ; portanto, não aprendemos nada.

E, claro, se não for assim, a afirmação é simplesmente falsa.

Agora veja como chegamos imediatamente ao paradoxo. Pois o pensamento “Não existe tal coisa como conhecimento”, “Conhecimento é uma ideia falsa”, ou como quer que possa ser formulado, pode ser expresso como $S=P$: ele mesmo é uma coisa conhecida.

Em outras palavras, a tentativa de analisar a ideia leva imediatamente a uma confusão mental.

Mas esta é a essência da Sabedoria Oculta a respeito de Daäth. Pois Daäth é a coroa do Ruach, o Intelecto; e seu lugar é no Abismo. Ou seja, ele se quebra em pedaços imediatamente quando é examinado.

Não há coerência abaixo do Abismo, ou dentro dele; para obter isso, que é um

dos principais cânones da Verdade, devemos chegar a Neschamah.

Há outra explicação para isso, totalmente à parte da armadilha puramente lógica. $S=P$ (a menos que sejam idênticos e, portanto, sem sentido) é uma afirmação de dualidade; ou, podemos dizer, a percepção intelectual é uma negação da verdade Samádica. Portanto, é essencialmente falso nas profundezas de sua natureza.

A declaração mais simples e óbvia não resistirá à análise. “Vermelhão¹⁸ é vermelho” é inegável, sem dúvidas; mas mediante investigação descobre-se que não faz sentido. Pois cada termo deve ser definido por meio de pelo menos dois outros termos, para os quais a mesma coisa é verdadeira; de modo que o processo de definição é sempre *obscurum per obscurius*¹⁹. Pois não existem termos verdadeiramente simples. Não existe uma percepção intelectual real possível. Aquilo que supomos ser tal coisa é na verdade uma série de convenções mais ou menos plausíveis baseadas no aparente paralelismo da experiência. Não há garantia final de que quaisquer duas pessoas entendam precisamente a mesma coisa por “doce” ou “alto”; até mesmo concepções como as de número talvez sejam apenas idênticas em relação às aplicações práticas vulgares.

Essas e outras considerações semelhantes levam a certos tipos de ceticismo filosófico. As concepções Neschâmicas não estão de forma alguma isentas dessa crítica, pois, mesmo supondo que sejam idênticas em qualquer número de pessoas, sua expressão, sendo intelectual, sofrerá o mesmo estresse que as percepções normais.

Mas nada disso abala, nem mesmo ameaça, a Filosofia de Thelema. Pelo contrário, pode ser chamada de a Rocha de sua fundação. Pois a questão de tudo é, evidentemente, que todas as concepções são necessariamente únicas, porque nunca pode haver dois pontos de vista idênticos; e isso corresponde aos fatos; pois existem pontos de vista próximos e, portanto, pode haver um acordo geral superficial, como existe, que se descobre ser falso mediante análise, como foi demonstrado.

Do exposto, será entendido como é que não há Transes de Conhecimento; e isso nos leva a investigar a tradição dos Grimórios de que todo conhecimento é milagrosamente atingível. A resposta é que, embora todos os Transes sejam Destruidores do Conhecimento — uma vez que, para começar, todos eles destroem o sentido de Dualidade — eles ainda colocam em seu Adepto os meios de conhecimento. Podemos considerar a apreensão racional como uma projeção da Verdade em forma dualística; de modo que aquele que possui uma dada

¹⁸ «“Vermillion” no original, um pigmento vermelho feito de sulfeto mercúrico.»

¹⁹ «Latim para explicar “o obscuro por meio do ainda mais obscuro”».

Verdade tem apenas que simbolizar sua imagem na forma de Conhecimento.

Essa concepção é difícil; um exemplo pode esclarecer sua visão. Um arquiteto pode indicar as características gerais de um edifício no papel por meio de dois desenhos — uma planta baixa e uma de fachada. No entanto, nenhuma delas deixa de ser falsa em quase todos os aspectos; cada uma é parcial, cada uma carece de profundidade e assim por diante. E ainda assim, em combinação, elas representam para a imaginação treinada o que o edifício realmente é; além disso, “ilusões” como são, nenhuma outra ilusão servirá à mente para descobrir a verdade que elas intencionam.

Esta é a realidade oculta em todas as ilusões do intelecto; e esta é a base da necessidade do Aspirante ter seu conhecimento exato e adequado.

O Místico comum pretende desprezar a Ciência como uma “ilusão”: este é o mais fatal de todos os erros. Pois os instrumentos com os quais ele trabalha são todos dessa mesma ordem de “coisas ilusórias”. Sabemos que as lentes distorcem as imagens; mas, por causa disso, podemos adquirir informações sobre objetos distantes que se mostram corretas quando a lente é construída de acordo com certos princípios “ilusórios” e não por capricho arbitrário. O Místico desse tipo é geralmente reconhecido pelos homens como um tolo orgulhoso; ele conhece o fato e é endurecido em sua presunção e arrogância. Alguém o encontra instigado por sua vergonha subconsciente a ataques ativos à Ciência; ele se regozija com os aparentes erros de cálculo que ocorrem constantemente, não entendendo de forma alguma as limitações autoimpostas de validade da afirmação que estão sempre implícitas; em suma, ele finalmente abandona seus próprios postulados e se refugia na carapaça de caranguejo eremita do teólogo.

Mas, por outro lado, para aquele que fundou firmemente seu pensamento racional em princípios sólidos, que adquiriu profunda compreensão de uma ciência fundamental, e criou caminhos adequados entre esta e suas relativas que ele entende apenas no geral, que, finalmente, assegurou toda esta estrutura penetrando através dos Transes apropriados às Verdades Neschâmicas das quais ela é a projeção corretamente ordenada no Ruach, para ele o campo do Conhecimento, assim bem arado, bem semeado, bem fertilizado, bem deixado para amadurecer; está pronto para ele colher. O homem que realmente entende as fórmulas subjacentes de um assunto-raiz pode facilmente estender sua apreensão aos ramos, folhas, flores e frutos; e é neste sentido que os mestres medievais da Magia²⁰ afirmaram com razão que pela evocação de um dado Daimon, o digno Octinomos poderia adquirir o conhecimento perfeito de todas as ciências, falar em todas as línguas, comandar o amor de todos, ou lidar doutras formas com toda a Natureza do ponto de vista de seu Criador. Rudes são aqueles crédulos ou críticos que pensaram na Evocação como um trabalho de uma hora ou uma

²⁰ «Magick no original.»

semana!

E qual é o ganho disso para o Adepto? Nem ouro puro, posso assegurar, nem a Pedra Filosofal! Mas ainda assim uma arma muito virtuosa de muita utilidade no Caminho; também, um grande conforto para o lado humano dele; pois o doce fruto que paira sobre a Árvore que torna os homens em Deuses é apenas este, amadurecido pelo sol e velado em flor suave, globo do Conhecimento.

Entendimento

A natureza do Conhecimento, a culminação e a estase das faculdades Intelectuais, foi discutida no ensaio anterior. Ela implica em uma contradição de termos. O Entendimento é a resolução dessa antinomia. É a principal qualidade de Neschamah, a Inteligência — uma ideia insusceptível de definição verdadeira porque é suprarracional, e somente apreciável por experiência direta. Pode-se dizer, no máximo, que não depende de qualquer um dos modos normais de movimento da mente.

(Um exemplo significativo da verdade desta teoria cabalística é que as mulheres muitas vezes possuem a mais excelente Inteligência, embora sejam totalmente incapazes do Conhecimento e da Razão sobre os quais, logicamente, ela se baseia.)

O Samādhi, que a princípio produz muito Êxtase desconcertante, termina neste Entendimento; portanto, pode-se dizer que o Entendimento implica em uma certa qualidade Samádica de apreensão. A dualidade (talvez) não é absolutamente abolida, exceto na superestrutura do estado; mas assume uma forma que seria absurdo chamar de dualística.

(Será notado que a violação da lógica é essencial para todo verdadeiro esforço para transmitir a concepção.)

Este fato está na raiz de todo simbolismo Trinitário; o esquema é de ideia geométrica, e até aritmética, como mostrado pela atribuição de Binah ao número 3. Mas a solução de cada díade em uma Tríade Triuna é enganosa, na medida em que pretende interpretar o fenômeno em termos de intelecto, e apenas útil na medida em que pode treinar as faculdades de raciocínio para se sobrepôr a um suicídio sublime no Altar da Intuição Mística — embora esta, afinal, seja uma imitação mediana do processo adequado. Pois, em primeiro lugar, seu método não é científico; e em segundo lugar, não é legítimo em sua negação de sua própria validade.

O único modo correto e adequado da Consecução do Entendimento é desligar

e inibir a mente racional por completo, deixando assim uma *Tabula rāsa*²¹ sobre a qual a faculdade inteiramente estranha — *dē novō* e *suī generīs*²² — pode escrever sua primeira palavra.

Mas então (certamente será perguntado) o que é mais ininteligente do que essa suposta Inteligência? Do que este Êxtase sem forma e até delirante que varre todas as formas de pensamento? Nenhum homem não negaria esta premissa: mas a explicação é que este Êxtase é (por assim dizer) a dor violenta do Nascimento da nova faculdade. É certamente natural que um observador se assuste, por ora, com a descoberta de um novo Universo. Ānanda deve ser dominado virilmente, não tolerado como um vício à maneira do Místico! O Samādhi deve ser esclarecido por Śīla, pela severa virtude da restrição: e então surge o paradoxo de que a nova Lei da Mente “veio não para destruir, mas para cumprir” a velha. O Entendimento tem plena consciência de todo aquele vasto material que a Razão foi incapaz de construir em qualquer estrutura coerente. As contradições desapareceram por absorção; elas foram aceitas como fatores essenciais na natureza da Verdade, que sem elas eram um mero amontoado de Fatos.

Ficará claro a partir de todas essas considerações que não há necessidade de surpresa neste paradoxo primordial: que o Ceticismo, absoluto em todas as dimensões, é a única base possível para a verdadeira Consecução. Todas as tentativas de evitar o problema apelando para a “fé”, por sofismas transcendentais místicos ou quaisquer outras variedades espirituais do Truque das Três Cartas²³ são devotadas à mais abjeta destruição.

Não se pode “encontrar a Senhora” de outra forma senão a do Cavaleiro Errante, do Grande Louco — o Caminho da Águia no Ar — cujo Número Sagrado é o Zero Sagrado. Sim, também, Nada sendo Tudo, e Tudo sendo Pã, o único devido contato com o Supremo é na forma dual de *παμφάγε πανγενετωρ*²⁴.

Pois tudo precisa ser destruído para que Tudo possa ser gerado.

²¹ «Latim para “lousa limpa”, também o nome de uma teoria de que todos nascemos com a mente como um papel em branco, sobre o qual escrevemos à medida em que obtemos conhecimento através das percepções.»

²² «Latim para “de seu próprio gênero” ou “única em gênero”.»

²³ «Um jogo de azar onde 3 cartas são apresentadas para o apostador que escolhe uma delas. As cartas são viradas para baixo e misturadas por algum tempo enquanto o apostador observa atentamente e tenta adivinhar a posição correta da carta escolhida. Caso o apostador acerte, obterá o prêmio.»

²⁴ «Grego *panphage pangenetor*, “que tudo devora”, “que tudo gera”.»

Castidade

Aquelas Obras da Literatura Antiga e Medieval que mais são pertinentes ao Buscador da Verdade concordam em um único ponto. Os mais inúteis Grimórios de Magia Negra, bem como os mais altos voos filosóficos da Fraternidade que não nomeamos, insistem na virtude da Castidade como sendo primordial para o Portão da Sabedoria.

Notemos primeiro esta palavra Virtude, a qualidade de Masculinidade, parte integrante da Virilidade. A Castidade do Adepto da Rosa e da Cruz, ou dos Cavaleiros do Graal de Monsalvat, não é nada senão muito oposta àquela sobre a qual o poeta pode escrever:

... A castidade que se sacia babando.
Sua luxúria, sem limites, se prende e parte,
Envaidecendo-se porque seus lábios lascivos cedem.

Ou àquele frigor emasculado de Alfred Tennyson e das Escolas Acadêmicas.

A Castidade cuja Energia Mágica tanto protege quanto estimula o aspirante aos Mistérios Sagrados é totalmente contrária em sua natureza mais profunda a todas as ideias vulgares dela; pois ela é, em primeiro lugar, uma paixão positiva; em segundo lugar, só está conectada com a função sexual por obscuros vínculos mágicos; e, terceiro, é a inimiga mais mortal de todas as formas de moral e sentimentalismo burgueses.

Pode ser útil definir em nossas mentes um conceito claro desta mui nobre e rara — embora mais necessária — Virtude, se traçarmos a distinção entre ela e um de seus ingredientes, a Pureza.

A Pureza é uma qualidade passiva ou pelo menos estática; conota a ausência de toda mistura estranha de qualquer dada ideia; como gálio puro, matemática pura, raça pura. Um uso da palavra que encontramos em expressões como “leite puro” é secundário e derivado, implica em estar livre de contaminação.

Pode-se supor que a Castidade, *per contrā*²⁵, como a etimologia (*castus*²⁶, possivelmente conectada com *castrum*²⁷, um campo fortificado²⁸) sugere, afirma

²⁵ «Latim para “pelo contrário”.»

²⁶ «Latim para: 1) moralmente puro, sem culpas; 2) puro, casto, livre de barbarismos; 3) religioso, devoto.»

²⁷ «Latim para: 1) castelo, forte, fortaleza; 2) acampamento, especialmente militar.»

²⁸ A raiz *cas* significa casa; e uma casa é *Beth*, a letra de Mercúrio, o Magus do Tarô. Ele não está parado, em um lugar de repouso, mas é a quintessência de todo o Movimento. Ele é o Logos; e Ele é fálico. Essa doutrina é da maior importância cabalística.

a atitude moral de prontidão para resistir a qualquer ataque a um estado de Pureza existente.

Tão querida ao céu é a castidade santa
Que quando uma alma assim encontrada sinceramente
Mil anjos fardados a lisonjeiam,

... cantou Milton, com a visão de espada penetrante do verdadeiro poeta; pois o serviço é apenas um desperdício, a menos que a ação o exija.

A Esfinge não deve ser dominada mantendo-a afastada; e a inocência bruta do Paraíso está sempre à mercê da Serpente. É sua Sabedoria que deve proteger nossos Caminhos; precisamos de sua rapidez, sutileza e sua prerrogativa real de lidar com a morte.

A Inocência do Adepto? Somos imediatamente lembrados da forte Inocência de Harpócrates e de Sua Energia de Silêncio. Portanto, um homem casto não é apenas aquele que evita o contágio de pensamentos impuros e seus resultados, mas aquele cuja virilidade é competente para restaurar a Perfeição ao mundo ao seu redor. Assim, o Parsifal que foge de Kundry e suas acompanhantes feiticeiras das flores perde o caminho e deve vagar longos anos no Deserto; ele não é verdadeiramente casto até que seja capaz de redimi-la, um ato que ele realiza pela reunião da Lança e do Sangraal.

Então a Castidade pode ser definida como a estrita observância do Juramento Mágico; ou seja, sob a Luz da Lei de Thelema, devoção absoluta e perfeita ao Sagrado Anjo Guardião e busca exclusiva do Caminho da Verdadeira Vontade.

Ela é completamente incompatível com a covardia da atitude moral, com a emasculação da alma e com a estagnação de ação que comumente denotam o homem chamado casto pelo vulgo.

Não está escrito em Nossa lição “cuidado com a abstinência de ação”²⁹? Pois a natureza do Universo sendo Energia Criativa, qualquer outra coisa blasfema a Deusa e procura introduzir os elementos de uma morte real nas pulsações da Vida.

O homem casto, o verdadeiro Cavaleiro Errante das Estrelas, impõe continuamente sua virilidade essencial sobre o Útero pulsante da Filha do Rei; com cada golpe de sua Lança ele penetra o coração da Santidade, e faz brotar a Fonte do Sangue Sagrado, espirrando seu orvalho escarlate por todo o Espaço e Tempo. Com sua Energia incandescente³⁰, sua Inocência derrete os grilhões de criminoso daquela Restrição que é o Pecado, e sua Integridade com a fúria de

²⁹ «*Liber B vel Magi*, v. 14»

³⁰ «Escrito como *white-hot* no original, que pode ser traduzido como rubrobranco ou ser uma referência à cor escarlate mencionada anteriormente.»

Retidão dela estabelece aquela Justiça que por si só pode satisfazer o desejo ardente da Feminilidade cujo nome é Oportunidade. Assim como a função do *castrum* ou *castellum* não é meramente resistir a um cerco, mas obrigar a Obediência à Lei e à Ordem para cada pagão ao alcance de seus cavaleiros, o Caminho da Castidade também é fazer mais do que defender sua pureza contra ataques. Pois aquele que é imperfeito não é totalmente puro; e nenhum homem em si mesmo é perfeito sem sua realização em todas as possibilidades. Portanto, ele deve estar sempre pronto para buscar toda aventura apropriada e alcançá-la, cuidando bem para que de forma alguma isso o distraia ou desvie de seu propósito, poluindo sua verdadeira Natureza e prejudicando sua verdadeira Vontade.

Portanto, ai, ai daquele que não é casto e se esquivava do que parece trivial, ou foge com medo do desespero, da aventura. E ai, três vezes ai, e quatro vezes ai daquele que é seduzido pela aventura, afrouxando sua Vontade e afastado de seu Caminho: pois assim como o retardatário e o covarde estão perdidos, também o brinquedo da circunstância é arrastado para o Inferno mais profundo.

Senhor Cavaleiro, esteja vigilante: vigie por suas tropas e renove seu Juramento; pois é de augúrio sinistro e mortalmente carregado de perigo aquele dia que não encheis a ponto de transbordar de atos alegres e ousados, de magistral, de varonil, Castidade!

Silêncio

De todas as Virtudes Mágicas e Místicas, de todas as Graças da Alma, de todas as Conseqüências do Espírito, nenhuma foi tão mal interpretada, até mesmo quando apreendida, do que o Silêncio.

Não seria possível listar os erros comuns: não, pode-se dizer que pensar nisso é em si mesmo um erro; pois sua natureza é Puro Ser, ou seja, Nada, de forma que está além de toda inteligência ou intuição. Portanto, no máximo nosso Ensaio pode ser apenas uma certa Vigilância³¹, como se fosse um Telhamento da Loja onde o Mistério do Silêncio pode ser consumado.

Para essa atitude, existe uma autoridade tradicional sólida; pois Harpócrates, Deus do Silêncio, é chamado de “O Senhor da Defesa e da Proteção”.

Mas a natureza Dele não é de forma alguma aquele silêncio negativo e passivo que a palavra comumente conota; pois Ele é o Espírito que Tudo-Vaga; o Puro e Perfeito Cavaleiro Errante, que responde a todos os Enigmas, e abre o Portal Fechado da Filha do Rei. Mas o Silêncio no sentido vulgar não é a resposta ao Enigma da Esfinge; é aquilo que é criado por aquela resposta. Pois o Silêncio é o

³¹ «*Wardenship* no original, uma referência aos Vigilantes (*wardens*) de uma Loja Maçônica.»

Equilíbrio da Perfeição; de modo que Harpócrates é o omniforme, a Chave universal para todos os Mistérios, sejam quais forem. A Esfinge é a “Puzzel ou Pucelle”, a Ideia Feminina à qual há apenas um complemento, sempre diferente na forma e sempre idêntica em essência. Este é o significado do Gesto do Deus; é mostrado mais claramente em Sua forma adulta como o Louco do Tarô e como Baco Diphues, e sem equívocos quando Ele aparece como Baphomet.

Quando investigamos mais de perto Seu simbolismo, a primeira qualidade que chama nossa atenção é, sem dúvidas, Sua inocência. Não é sem profunda sabedoria que Ele é chamado de gêmeo de Hórus; e este é o Êon de Hórus: foi Ele quem enviou Aiwass Seu ministro para proclamar o advento deste. O Quarto Poder da Esfinge é o Silêncio; para nós, então, que aspiramos a este poder como a coroa de nossa Obra, será de grande valor alcançar a inocência Dele em toda a sua plenitude. Devemos entender antes de tudo que a raiz da Responsabilidade Moral, da qual o Homem estupidamente se orgulha de distingui-lo dos outros animais, é a Restrição, que é a Palavra do Pecado. De fato, há verdade na fábula hebraica de que o conhecimento do Bem e do Mal traz a Morte. Recuperar a Inocência é reconquistar o Éden. Devemos aprender a viver sem a consciência assassina de que cada ar que inspiramos sopra as velas que conduzem nossas frágeis embarcações ao Porto do Túmulo. Devemos expulsar nosso Medo pelo Amor; visto que Todo Ato é um Orgasmo, seu resultado não pode ser nada senão Nascimento. Além disso, o Amor é a lei: portanto, todo ato deve ser Retidão e Verdade. Por meio de certas Meditações, isso pode ser compreendido e estabelecido; e isso deve ser feito tão completamente que nos tornemos inconscientes de nossa Santificação, pois somente assim a Inocência é tornada perfeita. Este estado é, de fato, uma condição necessária para qualquer contemplação adequada daquilo que estamos acostumados a considerar como sendo a primeira tarefa do Aspirante, a solução da questão: “Qual é a minha Verdadeira Vontade?” Pois, até que nos tornemos inocentes, certamente tentaremos julgar nossa Vontade por algum Cânone do que parece “certo” ou “errado”; em outras palavras, somos capazes de criticar nossa Vontade de fora, enquanto a Verdadeira Vontade deveria brotar, como uma fonte de Luz, de dentro, e fluir sem controle, fervendo de Amor, no Oceano da Vida.

Esta é a verdadeira ideia do Silêncio; é a nossa Vontade que sai, perfeitamente elástica, sublimemente Prótea, para preencher todos os interstícios do Universo de Manifestação que encontra em seu curso. Não há abismo grande demais para sua força incomensurável, nenhum estreito árduo demais para sua sutileza imperturbável. Ela se ajusta com perfeita precisão a toda necessidade; sua fluidez é a garantia de sua fidelidade. A sua forma é sempre diversificada pela imperfeição particular que encontra: sua essência é idêntica em todos os eventos. E o efeito de sua ação sempre é Perfeição, ou seja, Silêncio; e esta Perfeição é sempre a mesma, sendo perfeita, no entanto sempre diferente, porque cada caso apresenta sua própria quantidade e qualidade peculiares.

É impossível que a própria inspiração soe como um ditirambo do Silêncio; pois cada novo aspecto de Harpócrates é digno da música do Universo por toda a Eternidade. Fui simplesmente conduzido por meu Amor leal por aquela estranha Raça entre a qual me encontro encarnado para recitar esta pobre estrofe da infinita Epopeia de Harpócrates como sendo a faceta de Seu fecundo Brilho que refratou a luz mais necessária em minha própria Entrada sombria a Seu santuário de Divindade fulminante e inefável.

Eu louvo o luxuriante Arrebatamento de Inocência, o Êxtase viril e pantomorfo de toda a Realização; eu louvo a Criança Coroada e Conquistadora cujo nome é Força e Fogo, cuja sutileza e força asseguram serenidade, cuja Energia e Resistência realizam a Consecução da Virgem do Absoluto; que, sendo manifestada, é o Tocador da flauta sétupla, o Grande Deus Pã, e, retirando-se para a Perfeição que ele desejou, é o Silêncio.

Amor

Agora o Magus é Amor, e une Aquilo e Isto em sua Conjuração³².

A Fórmula do Tetragrammaton é a expressão matemática completa do Amor. Sua essência é esta: quaisquer duas coisas se unem, com um efeito duplo; em primeiro lugar, a destruição de ambos, acompanhada pelo êxtase devido ao alívio da tensão da separação; em segundo lugar, a criação de uma terceira coisa, acompanhada pelo êxtase da realização da existência, que é Alegria até que com o desenvolvimento se torne consciente de sua imperfeição, e ame.

Esta fórmula do Amor é universal; todas as leis da Natureza são suas servas. Assim a gravidade, a afinidade química, o potencial elétrico e o restante — e estes são meros aspectos da lei geral — são afirmações observadas de forma diferente da tendência única.

O Universo é conservado pela ação dupla envolvida na fórmula. O desaparecimento do Pai e da Mãe é compensado precisamente pelo surgimento do Filho e da Filha. Portanto, pode ser considerado um motor de movimento perpétuo que desenvolve continuamente o êxtase em cada uma de suas fases.

O sacrifício de Ifigênia em Áulide³³ pode ser considerado típico da fórmula: o efeito místico é a ascensão da donzela ao seio da deusa; enquanto o efeito mágico é a destruição de sua parte terrestre, o veado, que acalma a fúria de Aeolus e

³² «*Liber B vel Magi*, v. 0.»

³³ «Obra escrita por Eurípides, onde Agamemnon precisa sacrificar sua filha Ifigênia para cair novamente nas graças da deusa Artemisa.»

manda as Danaïdes³⁴ zarparem.

Ora, nunca é demais entender com clareza, ou perceber de maneira aguda por meio da ação, que a intensidade da Alegria liberada varia de acordo com o grau original de oposição entre os dois elementos da união. Calor, luz, eletricidade são fenômenos que expressam a plenitude da paixão, e seu valor é o maior possível quando a diversidade das Energias que compõem o casamento é mais extenuante. Obtém-se mais com a explosão de hidrogênio e oxigênio do que com a combinação monótona de substâncias indiferentes umas às outras. Assim, a união de nitrogênio e cloro é tão pouco satisfatória para qualquer destas moléculas, que o composto resultante se desintegra com violência explosiva ao menor choque. Então, podemos dizer na linguagem de Thelema que tal ato de amor não é “amor sob vontade”. É, por assim dizer, uma operação de magia negra.

Consideremos, como exemplo, as “sensações” de uma molécula de hidrogênio na presença de uma de oxigênio ou de cloro. Ela sofre intensamente pela realização do extremo de seu desvio do tipo perfeito de mônada pela contemplação de um elemento tão supremamente oposto à sua própria natureza em todos os pontos. Na medida em que é egoísta, sua reação deve ser de desprezo e ódio; mas conforme ela entende a verdadeira vergonha que é atribuída à sua separação pela presença de seu oposto, esses sentimentos se transformam em anseio angustiado. Ela começa a ansiar pela faísca elétrica que lhe permitirá amenizar suas dores pela aniquilação de todas as propriedades que constituem sua existência separada, no êxtase da união e, ao mesmo tempo, cumprir sua paixão de criar um tipo perfeito de Paz.

Vemos a mesma psicologia em todo o mundo físico. Um exemplo mais forte e elaborado poderia muito bem ter sido dado, se o propósito deste ensaio fosse menos católico, a partir da estrutura dos próprios átomos e seu esforço para resolver a agonia de sua agitação no Nirvāṇa beatífico dos gases “nobres”.

O processo de Amor sob Vontade é evidentemente progressivo. O Pai que matou a si mesmo no ventre da Mãe se acha novamente com ela e, transfigurado, no Filho. Este Filho atua como um novo Pai; e é assim que o Self é constantemente engrandecido, e capaz de contrapor um Não-Self cada vez maior, até o ato final de Amor sob Vontade que compreende o Universo em Sammā-Samādhi³⁵.

³⁴ «As cinquenta filhas de Dânao, que deveriam se casar com os cinquenta filhos de seu tio Egito. Dânao era contra, e ordenou que na noite de núpcias todas elas matassem seus maridos. Todas cumpriram com isso, exceto Hipermnestra (ou Amimone), que se apaixonou pelo marido Linceu. Dânao ficou furioso porque ela descumpriu com seu dever, e a arrastou para as cortes. Linceu matou Dânao para defendê-la e vingar a morte de seus irmãos.»

³⁵ «O último passo do Nobre Caminho Óctuplo budista, geralmente traduzido como “Concentração Correta”.»

A paixão do Ódio é assim realmente dirigida contra si mesmo; é a expressão da dor e da vergonha da separação; e só parece estar dirigida contra o oposto por transferência psicológica. Esta tese a Escola de Freud tornou suficientemente clara³⁶.

Portanto, há pouco em comum entre o Amor e as paixões sem grande entusiasmo como a consideração, afeição ou gentileza; é o não iniciado que, para sua maldição em um inferno de sopa de repolho e espuma de sabão, os confunde.

O Amor pode ser mais bem definido como a paixão do Ódio inflamada ao ponto da loucura, quando se refugia na Autodestruição³⁷.

O Amor é mordaz com a lascívia da raiva mortal, anatomizando sua vítima com aguda energia, procurando onde melhor atingir o coração de forma mortal; ele só fica cego quando sua fúria o domina completamente e o joga na boca vermelha da fornalha da autoimolação.

Devemos ainda distinguir o Amor, neste sentido mágico, da fórmula sexual, embora seja um símbolo e modelo para ela. Pois a essência pura da Magia³⁸ é uma função da consciência derradeiramente atômica, e suas operações devem ser refinadas de toda confusão e contaminação. Portanto, as operações verdadeiramente mágicas do Amor são os Transes, mais especialmente os do Entendimento; como terá sido prontamente apreciado por aqueles que fizeram um estudo cabalístico cuidadoso da natureza de Binah. Pois Ela é omniforme como Amor e como Morte, o Grande Mar de onde toda a Vida nasce, e cujo ventre negro tudo reabsorve. Ela assim resume em si mesma o processo duplo da Fórmula do Amor sob Vontade; pois não é Pã, o que Tudo-Cria, no coração dos Bosques ao meio-dia, e não é o “cabelo das árvores da Eternidade” Dela os filamentos da Divindade que Tudo-Devora “sob a Noite de Pã?”

No entanto, não devemos esquecer que, embora Ela seja amor, sua função é apenas passiva; ela é o veículo da Palavra, de Chokmah, Sabedoria, o Pai-de-Tudo, que é a Vontade do Todo-Um. E assim falham com erros graves e terríveis aqueles que tagarelam sobre o Amor como a Fórmula da Magia; o Amor é desequilibrado, vazio, vago, sem direção, estéril, não, ainda mais, uma própria Casca, a presa de abjetos restos demoníacos: o Amor precisa ser “*sob vontade*”.

³⁶ «Leia também *Thelema e as Projeções Psicológicas* de Phyllis Seckler (Soror Meral).»

³⁷ «*Self-destruction* no original, destruição do Self. Uma possível referência aos Self conforme mencionado nos parágrafos anteriores, não um sentimento suicida.»

³⁸ «*Magick* no original. »

Verdade

O que é a Verdade? É absurdo tentar defini-la, pois quando dizemos que S é P, em vez de S é Q ou S é R, presumimos que já conhecemos o significado da Verdade. É realmente por isso que todas as discussões sobre se a Verdade depende de correspondência externa, coerência interna ou o que seja, não produzem convicção, nem resistem à análise. Resumidamente, a Verdade é uma ideia de uma ordem suprarracional, pertencente a Neschamah, não a Ruach. O fato de todas as concepções racionais implicarem que conhecemos a Verdade, e que a Verdade está em suas proposições, apenas mostra que essas assim chamadas ideias racionais não são realmente racionais de forma alguma. A Verdade não é de forma alguma a única ideia que resiste à análise racional. Existem muitas ideias que permanecem indefiníveis: todas as ideias simples o fazem. Por trás de todos os nossos esforços está a parede morta de que já devemos saber o que pretendemos encontrar. Considere a declaração do Anjo no 5º Éter de *A Visão e a Voz*:

“... todos os símbolos são intercambiáveis, pois cada um contém em si seu próprio oposto. E este é o grande Mistério das Supernas que estão além do Abismo. Pois abaixo do Abismo, contradição é divisão; mas acima do Abismo, a contradição é Unidade. E não poderia haver nada verdadeiro exceto em virtude da contradição que está contida em si.”

Quando isso foi dito ao Mestre Therion, quão obscuro e difícil isso parecia para ele! No entanto, à luz dos parágrafos anteriores, quão simplesmente óbvia essa proposição se tornou, e quão aquém da — Verdade!

O que então pode ser entendido pelo título desta compilação: “Pequenos Ensaios em Direção à Verdade”? Não assumimos todos uma concepção perfeitamente ilógica da Verdade como uma entidade da “ordem supramundana, donde uma chama giratória e uma Luz voadora subsistem?” Não assimilamos instintivamente essas ideias de Verdade e Luz, embora não haja umnexo racional? Não está claro, então, que nos entendemos perfeitamente, na medida em que podemos nos entender de algum modo, em uma esfera como aquela que Zoroastro chama de “Inteligível” que “subsiste além da Mente”, mas que devemos “procurar agarrar com a Flor da Mente”³⁹? Não devemos então concordar com aquele outro Oráculo, no qual aquele Magus dos mais sublimes afirma:

“Pois o Rei de tudo anteriormente colocou diante do Mundo polimorfo um Tipo, intelectual, incorruptível, a marca de cuja forma é enviada através do Mundo, pelo qual o Universo brilhou enfeitado com Ideias todas variadas, das quais a base é Uma, e Uma só. Destes os outros procedem, distribuídos e separados pelos vários corpos do Universo, e são carregados em enxames por seus vastos abismos, sempre girando em radiação ilimitada.

³⁹ «*Oráculos Caldeus*, v. 1.»

Eles são concepções intelectuais da Fonte Paterna partilhando abundantemente do brilho do Fogo na culminação do Tempo inquietante.

Mas a principal fonte auto perfeita do Pai derramou dessas Ideias primogênicas.”⁴⁰

(Deve-se lembrar que os *Oráculos de Zoroastro* proclamam continuamente em palavras de brilho sem limites a doutrina aqui apresentada: esses Ensaios são de fato uma espécie de Comentário sobre eles, e posso dizer que só vim a entendê-los tão perfeitamente como agora os entendo no decorrer desta escrita.)

Agora essa mesma Verdade, que é Luz, que está implícita em cada centelha do Inteligível; o que ela é senão o Self de Cada homem? É isso que informa todos os seus movimentos, isso que está mais próximo de seu coração e alma, sendo de fato sua mola mestra e seu mostrador, o princípio da seção e da medida.

Agora, a Iniciação é, por etimologia, a *jornada em direção adentro*; é a Viagem de Descoberta (ó, Mundo Maravilhoso!) de sua própria Alma. E esta é a Verdade que está na proa, eternamente alerta; esta é a Verdade que se senta com uma mão forte segurando o leme!

A Verdade é o nosso Caminho e a Verdade é o nosso Objetivo; sim! chegará a todos um momento de grande Luz quando o Caminho é visto como o próprio Objetivo; e naquela hora cada um de nós exclamará:

“EU SOU O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA!”

Sim, a Vida também, Vida eterna no Tempo e sem limites no Espaço; pois o que é a Vida senão a resolução contínua da antinomia do diverso pelo espasmo do Amor sob Vontade, ou seja, pela percepção constantemente explosiva, orgiástica, da Verdade, a dissolução da dividualidade em uma estrela radiante da Verdade que sempre gira, e vai, e enche o Céu com Luz?

Eu sinceramente imploro a vocês, queridos Irmãos, que lutem virilmente como lutadores poderosos com as ideias nestes Pequenos Ensaios: que as entendam —

“... com a chama estendida da Mente que alcança longe, medindo todas as coisas, exceto aquele Inteligível. Mas é necessário entender isso; pois se inclinas tua Mente, tu o compreenderás, não sinceramente; mas convém trazer contigo um sentido puro e inquiridor, para estender a mente vazia de tua alma àquele Inteligível, porque ele subsiste além da Mente.”⁴¹

Pois assim não apenas você desenvolverá a intuição espiritual, o próprio Neschamah do seu Ser divino, mas também (no grau de sua Concentração, do seu poder de desacelerar e finalmente parar os movimentos irritáveis de sua

⁴⁰ «*Oráculos Caldeus*, v. 39.»

⁴¹ «*Oráculos Caldeus*, 166.»

maquinaria raciocinativa) transmutará estes Ensaio — a *Prīmā Māteria* de sua Grande Obra; passando pelo estágio do Dragão Negro, no qual suas ideias racionais são totalmente destruídas e putrefatas, você terá sucesso em inflamá-las na Fornalha feroz de suas Vontades Criativas, até que todas as coisas queimem juntas em uma massa ardente de Luz viva e implacável.

E assim alcançareis Sammā-Samādhi — assim estareis livres para sempre de todos os laços que prendem vossa Divindade!

“Um Fogo semelhante estendendo-se de forma brilhante através das rajadas de Ar, ou um Fogo sem forma de onde vem a Imagem de uma Voz, ou mesmo uma Luz brilhante abundante, girando, rodopiando, gritando em voz alta. Também há a Visão do Corcel de Luz flamejante de fogo, ou então uma Criança, carregada nos ombros do Corcel Celestial, ígnea, ou vestida de ouro, ou nua, ou disparando raios de Luz de um arco, e de pé nos ombros do cavalo; então, se tua meditação se prolongar, tu unirás todos esses Símbolos na Forma de um Leão.”⁴²

Então compreenderéis o que é a Verdade, pois compreenderéis aos vossos Selves, e VÓS SOIS A VERDADE!

Glossário

A

Abhidhamma. A coleção de tratados que incorporam a metafísica da filosofia budista.

Ahaṃkāra. A faculdade criadora do Ego.

Ānanda. Bem-aventurança.

Āsana. Postura. Qualquer posição correta de segurar o corpo.

Atzilútico, Mundo. O Mundo Arquetípico que deu origem a três outros mundos, cada um contendo uma repetição das Sephiroth, mas em uma escala decrescente de brilho. Consulte o Diagrama.

B

Babalon. Nossa Senhora. Consulte o *The Equinox* I (5). *A Visão e a Voz*.

Beth. Segunda letra do alfabeto hebraico. É a letra da Sabedoria, da Magia, de Mercúrio.

Bhagavad Gītā. Hino sagrado da Filosofia Vedanta, traduzido por Sir Edwin

⁴² «*Oráculos Caldeus*, v. 198.»

Arnol em *The Song Celestial*.

Binah. Entendimento. A Terceira “Emanação” do Absoluto. O primeiro “He” do Tetragrammaton, a “Mãe” da Trindade. Consulte o Diagrama.

C

Chiah. O impulso Criativo ou Vontade. O Segundo princípio da constituição quintupla do homem. Consulte o Diagrama.

Chokmah. Sabedoria. A Segunda “Emanação” do Absoluto, o “Yod” do Tetragrammaton, o “Pai” na Trindade. Consulte o Diagrama.

Choronzon. Consulte o *The Equinox I (5)*, *A Visão e a Voz*, 10º Éter.

Cidade das Pirâmides. Binah, a terceira Sefhira, atribuída a Saturno. A destruição final do conhecimento de Daäth abre o portão da Cidade das Pirâmides. Consulte *A Visão e a Voz*.

D

Daäth. Conhecimento, em certo sentido o filho de Chokmah e Binah, em outro, a condição vazia e sem estrutura de Choronzon.

E

Isento, Adepto. Grau $7^\circ=4^\square$, que se refere a Chesed, uma correspondência de Júpiter. Consulte o Diagrama.

G

Geburah. Força; a Quinta “Emanação” do Absoluto. A Sefhira de Marte. Consulte o Diagrama.

H

Hadit. O ponto infinitamente pequeno e atômico, mas onipresente. Consulte *Liber Legis*, *The Equinox I (7)*, também *Liber 555*.

Harpócrates. O Deus egípcio do Silêncio, o bebê no ovo. (A imagem do Pai oculto.) O Senhor da Defesa e da Proteção. Consulte o 777.

Hórus. Na cosmogonia egípcia, filho de Ísis e Osíris. A verdadeira Magia de Hórus requer a União apaixonada de opostos. O novo Êon de Hórus. A Criança Coroada e Conquistadora. Consulte *Magick*.

I

Ipsissimus. Grau $10^{\circ}=1^{\square}$. Está além de toda compreensão daqueles de graus menores.

J

Jechidah. O princípio quintessencial da alma. Um princípio da constituição quántupla do homem. Consulte o Diagrama.

K

Karma. Aquilo que é feito. A lei de causa e efeito, consulte *Ciência e Budismo*, no *Collected Works of Aleister Crowley*, Vol. 2.

Kether. A Coroa. A Primeira “Emanação” do Absoluto. Kether está em Malkuth e Malkuth está em Kether, mas, de outra maneira, Malkuth reflete Kether, pois o que está acima é como o que está abaixo, e o que está abaixo é como o que está acima. Consulte o Diagrama.

M

Magick. A ciência e arte de fazer com que mudanças ocorram em conformidade com a Vontade. Consulte *Magick in Theory and Practice*, de Mestre Therion.

Magus. Um Magista; também, tecnicamente, um Mestre do Grau $9^{\circ}=2^{\square}$. O grau mais alto que é possível manifestar de alguma forma neste plano. Alcança a Sabedoria, declara sua lei, e é o Mestre de toda Magick em seu maior e mais elevado sentido. Consulte o *The Equinox I (7)*, *Liber I*, e outros lugares.

Maior, Adepto. Um grau de Adeptado. $6^{\circ}=5^{\square}$. Obtém um domínio geral de toda a Magick prática, embora sem compreensão completa. Consulte o *The Equinox I (1)* e *I (3)*.

N

Neschamah. Intuição. Aspiração. Inteligência. O Terceiro princípio da constituição quántupla do homem. Consulte o Diagrama.

Nepesch. A “Alma Animal” do homem, os sentidos, a emoção. O Quinto princípio da constituição quántupla do homem. Consulte o Diagrama.

Nuit. Espaço Infinito. Consulte *Liber Legis* e *The Equinox I (7)*, p. 11.

O

Osíris. O Antigo Redentor Egípcio, pai de Hórus.

Octinomos. Mestre Magista.

P

Pirâmides, A Cidade das. Binah, a Terceira Sefhira, atribuída a Saturno. A destruição final do conhecimento de Daäth abre o portão da Cidade das Pirâmides. Consulte *A Visão e a Voz*.

Q

Qabalah. “A Tradição da Sabedoria Secreta dos Hebreus.” Consulte o *The Equinox* I (5).

R

Ruach. O Intelecto e outras qualidades mentais. A razão. O Quarto princípio da constituição quántupla do homem. Consulte 777 e o Diagrama.

S

Sabb(ace)é Pi Duḥkha. “Tudo é sofrimento”.

Samādhi. Êxtase ou Super consciência. Etimologicamente: “Unido com o Senhor”.

Sammā-Samādhi. Samādhi Correto.

Sephiroth. A Árvore da Vida. Consulte o *The Temple of Solomon the King*, *The Equinox* I (5). O *Sepher Sephiroth*, o Livro das Emanações, descreve a evolução gradual da Divindade da existência negativa à positiva. Consulte o *The Equinox* I (8), (Suplemento) e o Diagrama.

Śīla. Virtude.

T

Tarô. O Livro de Thoth, um epítome pictórico da Antiga Sabedoria Iniciada. Um método de Divinação baseado na Árvore da Vida Cabalística.

Tetragrammaton. Yod, He, Vau, Hé; O Nome Inefável (Jeová) dos hebreus. Consulte o Diagrama.

Thelema. Vontade. A palavra da Lei.

Tiphareth. Beleza ou Harmonia, a Sexta “Emanação” do Absoluto. A Sefira harmonizando e mediando entre Kether e Malkuth. Consulte o Diagrama.

Y

Yoga. União. Entre o sujeito e o objeto, na consciência; entre alma e deus, etc., de acordo com o contexto.